

JUPITER COROADA

Retomada do Espaço Que é Nosso:
uma abordagem de gênero

Brasília

2014



- Retomada do Espaço Que é Nosso -
uma abordagem de gênero

Jupiter Coroada

Brasília
2014

Resumo

Este trabalho acadêmico se propõe a discutir a questão do gênero pela perspectiva da mulher artista e tatuadora. Estabeleço as bases por meio de uma investigação histórica acerca da trajetória das mulheres que escolheram seguir esse ofício; e por meio de uma introdução superficial a respeito da simbologia do feminino através da bruxa e da deusa mãe terra. Assim, apresento um percurso de imersão em vivências de mulheres, a fim de exaltar o re-empoderamento frente ao espaço que é delas por direito – ainda que, muitas vezes, seja um direito negado. Através de diferentes linguagens – tatuagem, desenho, performance, zine, videoarte – a Retomada do Espaço Que é Nosso traz uma abordagem poética relativa à energia feminina: que é sagrada, é poderosa e é plural – mas que se encontra constantemente sob opressão. O trabalho é apresentado em três partes, são elas: Permanecente, SGRDO FEMNNO e Perseverare.

Palavras-chave: mulher, tatuagem, bruxa, deusa, permanecente, sgrdo femnno, perseverare, jupiter coroada, retomada, espaço

Sumário

Introdução

Sobreviventes da batalha diária

A tatuagem

A bruxaria

Retomada: Parte I – Permanecente

Retomada: Parte II – SGRDO FEMNNO

Retomada: Parte III – Perseverare

Considerações Finais

Referências Bibliográficas



Introdução

"education is knowledge
knowledge is pleasure
pleasure is empowerment
empowerment = orgasm
DEMAND YOUR ORGASM"¹

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado de pesquisa dentro e fora da universidade, compreendendo especificamente o período dos anos 2013 e 2014. A Retomada do Espaço Que é Nosso é apresentada em três partes: etapas de um processo a ser experienciado e detalhado em cada obra correspondente.

Esse texto traz uma abordagem de gênero. Dentre as motivações que me levaram a desenvolver esse trabalho, a maior delas foi o desejo de discutir a **questão de ser mulher**.

A fim de prover contexto à nossa caminhada, pontuarei duas importantes peças: a tatuagem e a bruxaria.

A primeira, parte de quem eu sou. Presente na minha vida desde 2010, é uma das formas como eu melhor me comunico visualmente. Exercer a arte e a tatuagem como ofício faz parte também do percurso que eu escolhi para alcançar o modo de vida que eu desejo: cada vez mais distante e desapegada das estruturas escravizadoras de trabalho.

¹ Trecho da música Demand Your Orgasm, da banda Libertinagem.
<<https://www.youtube.com/watch?v=5AQka1XRELg>>

Minha experiência ao adentrar essa profissão me colocou em contato com vários questionamentos a respeito do comportamento geral para com as mulheres tatuadas e tatuadoras. Essas inquietações são também combustíveis para o interesse de pesquisa.

historicamente, então, revelar
mulheres no contexto da caminhada
elétrica urbana, ocorrendo a tatuagem
evidenciando as dificuldades enfrentadas
frente ao desafio de identificar a
estética da pele até então, predominantemente
a masculina. Tratar também do quanto
a presença feminina se mostrou
enriquecedora, somando e contribuindo
com o desenvolvimento da cultura da
tatuagem.

Um dos aspectos que abordarei quanto à prática da tatuagem é a conexão
com o respeito à vertente ritualística presente nos processos de
modificação corporal. A questão da bruxaria é abordada sob o prisma da
caráter subversivo dos trabalhos realizados, visando a desconstrução do gênero, o
próprio ato político de resistir.

A partir daí, pretendo adentrar
esse quesito pensando a energia
feminina da perspectiva da Mãe Terra,
deusa triplice (donzela, mãe e anciã) – a
fim de estabelecer mais uma base em
cima da qual trabalharei a Retomada

Introdução

"education is knowledge
knowledge is pleasure
pleasure is empowerment
empowerment = orgasm
DEMAND YOUR ORGASM"¹

Minha experiência ao adentrar
essa profissão me colocou em contato
com vários questionamentos a respeito
do comportamento geral para com as
mulheres tatuadas e tatuadoras. Essas
inquietações são também combustíveis
para o interesse de pesquisa.

Procurarei, então, retratar
historicamente a caminhada das
mulheres no contexto da tatuagem
elétrica (urbana, ocidental). A intenção é
evidenciar as dificuldades enfrentadas
frente ao desafio de adentrar uma
estrutura de, até então, predominância
masculina; mas tratar também do quanto
a presença feminina se mostrou
enriquecedora, somando e contribuindo
com o desenvolvimento da subcultura da
tatuagem.

Um dos aspectos que abordarei quanto à prática da tattoo exercida por
mulheres diz respeito à vertente ritualística presente em procedimentos de
modificação corporal. A questão da bruxaria destaca, contextualiza e fortalece o
caráter subversivo dos trabalhos. Representa, nessa abordagem de gênero, o
próprio ato político de resistir.

A partir daí, pretendo adentrar
esse quesito pensando a energia
feminina da perspectiva da Mãe Terra,
deusa tríplice (donzela, mãe e anciã) – a
fim de estabelecer mais uma base em
cima da qual trabalharei a Retomada.

¹ Trecho da música Demand Your Orgasm, da banda Libertinagem.
<<https://www.youtube.com/watch?v=5AQka1XRELg>>

O título dessa monografia faz referência à música da banda punk brasileira Dança da Vingança².



- Um Espaço Que é Nosso - Dança da Vingança -

nós dançamos porque o nosso corpo está livre
nós dançamos porque não estamos sozinhas
só queremos estar num espaço que é nosso
o nosso corpo grita pela vingança
por tudo aquilo que desejamos

não deixe se enganar com as certezas
não deixe o medo te impedir o que deseja

nós dançamos porque nos sentimos vivas
nós dançamos porque somos mais quando unidas
só queremos estar num espaço que é nosso
o nosso corpo grita pela vingança
fiz do meu corpo a revolução

² Um Espaço Que é Nosso < <http://dancadavinganca.bandcamp.com/track/um-espaco-o-que-nosso>>. A banda é composta por Ianni (guitarra), Juba (bateria), Jully (baixo) e Ray (vocal).
<<https://www.facebook.com/dancadavinganca/>>

Sobreviventes da batalha diária

Esse subtítulo se faz interessante para fortalecer algumas importantes associações no percurso que estamos traçando. A frase faz parte de um desenho meu, datado de 2013, para compor a segunda edição da zine Artemis³, revista independente que reúne produções de mais de 20 mulheres artistas brasileiras a cada publicação. O projeto é de idealização e edição da quadrinista Lovelove6.



ARTEMIS#2

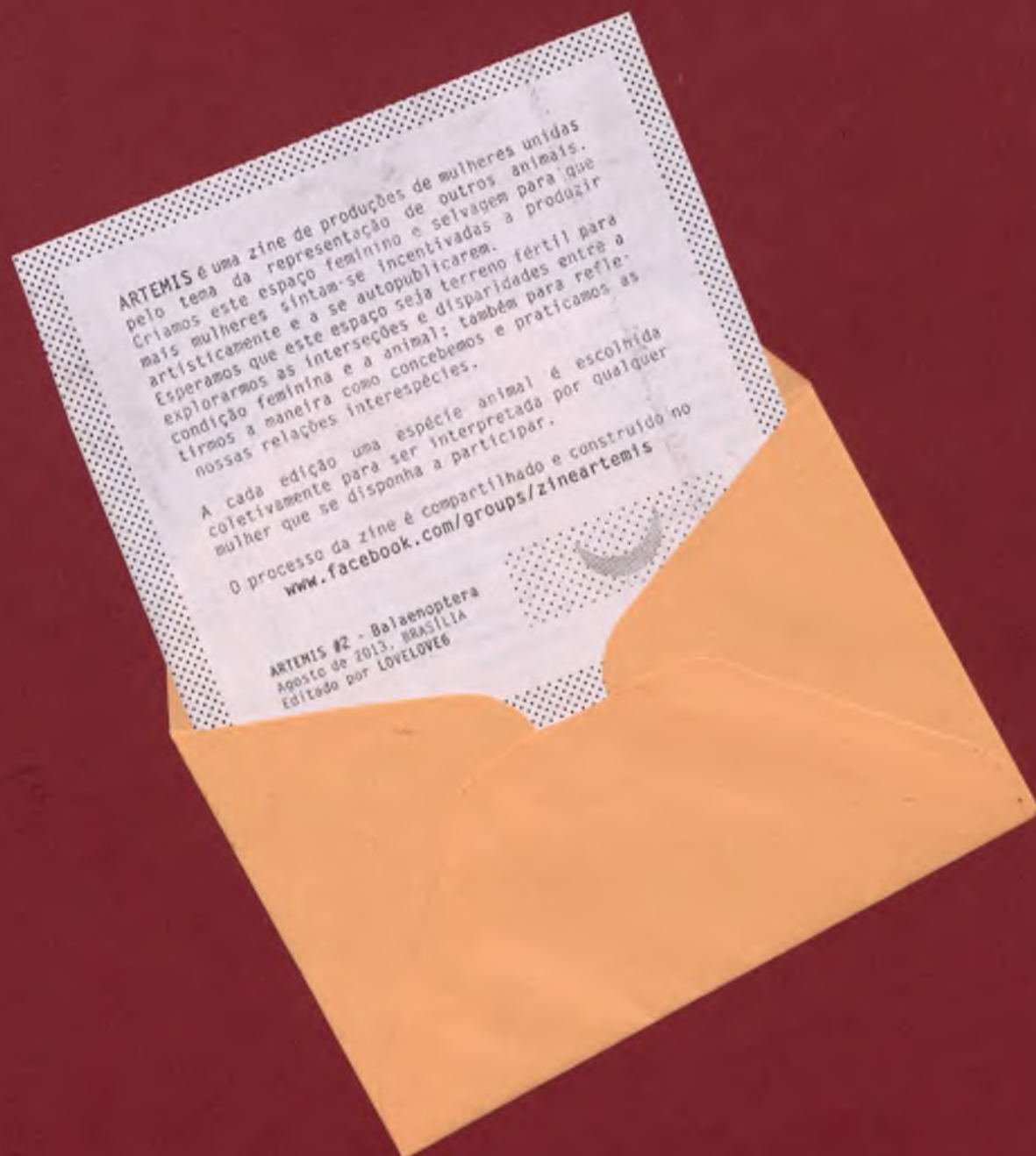
No desenho, simbolizando o patriarcado⁴, uma âncora⁵ perfura o corpo da baleia, que, mesmo ferida, persiste lutando pela sobrevivência. Diz respeito às opressões, violências, assédios e constrangimentos pelos quais nós, mulheres, passamos cotidianamente, dentro ou fora de casa, de maior ou menor gravidade.

³ Versão online: <<http://issuu.com/katzenminze/docs/artemis2>>

⁴ O patriarcado é o sistema social no qual os homens detêm o poder e a autoridade, predominando em papéis políticos, morais, de privilégio social e de controle de propriedade. As demais pessoas lhes são subordinadas. Alguns estudiosos associam a origem do patriarcado com a origem da Bíblia, apontando para evidências de que o povo hebreu foi pioneiro no êxito ao chamar de "Pai" as forças que até então eram conhecidas como Mãe Terra. Segundo Nunes (2005), os hebreus consideravam as mulheres "seres inferiores", podendo sua participação ativa na sociedade, sob discriminação e semi-escravidão exercida pelo marido, pai ou senhor.

⁵ Fiz, aqui, uma associação direta entre o formato da âncora e o formato do símbolo de Marte.

A Artemis representa, na minha trajetória, meu primeiro envolvimento com (auto)publicações independentes. Um dos objetivos desse projeto, apontado em seu resumo, é justamente "que mais mulheres sintam-se incentivadas a produzir artisticamente e a se autopublicarem". De fato, estar entre mulheres foi um elemento decisivo para que eu me sentisse segura e à vontade para me expressar – diferente do peso que existe em me expor a pessoas que pré-julgariam a mim e ao meu trabalho, com finalidade de discriminar, tomando como base o meu gênero.



Ainda no que se trata de revista independente com conteúdo voltado à produção feminina, temos a Catfight⁶, nascida em 2005 na Holanda, e editada por F. Lady, também com fotos, trabalhos e histórias enviadas por colaboradoras, mas registrando especificamente o graffiti e a arte urbana das mulheres.

Yeah baby, here it is before you: the first Catfight magazine filled head to toe with the meanest cleanest female graffiti and streetworks that we could get our hands on. The contents shows graffiti in all it's aspects.

Catfight is not a feminist magazine, it is here because female graffiti is not documented or published (well) enough. Female skills are often underappreciated and underestimated. So it's time for a magazine that really shows what we can do: It's time for a Catfight ladies!

Thanks for your support:
S, Tash, Mickey, Lady Wave, Soma, Ame,
Mrs X, Mademoiselle Kat, Ephameron, Meg,
Horsie, Mamacita, Melina Rodrigo, Me Love,
Musni, Sizter and all the ppl that sent their flicks...

Send your artwork, reactions/suggestions to:
Catfight HQ
Sporlaan 340
5038 CC Tilburg
The Netherlands

or email to
info@catfightmag.tk

- Send us good quality photos of recent artwork.
- Let us know where the picture was taken and who made the piece.
>If you sent us photos that weren't published... don't hate, just try again

F.Lady

You have the right to © this magazine at all time.
Catfight Magazine, Issue #0 April 2005

⁶ Para mais informações, incluindo download gratuito da revista:
<<http://www.catfightmagazine.com/>>

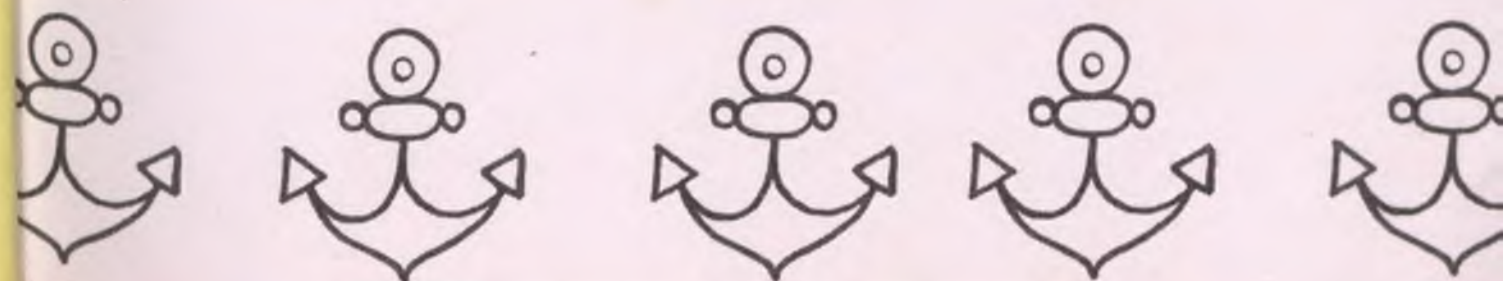
Ao entrar em contato com esse material, encontrei o seguinte trecho de reportagem⁷:

"É grande coisa quando uma mulher escolhe sair dos espaços convencionais de arte e tomar as ruas? Como Zori⁴ (Porto Rico) diz, "é como uma garota tentando entrar pra NBA⁸". Muita gente simplesmente não espera que garotas se envolvam em campos tão masculinizados como o graffiti, assim como não se esperava vê-las se envolvendo com o rap, outro meio dominado por machos (...)"

⁷ Street Girls: The rise of female street art. Disponível online pelo link: <http://www.catfightmagazine.com/modart_article.pdf>

⁸ National Basketball Association, a principal liga de basquete profissional da América do Norte.

Podemos expandir essa percepção ao observar quantos outros meios são ainda hoje dominados pela presença masculina e hostis à presença feminina. Desde a ocupação de cargos das principais esferas do Estado até a ocupação do próprio espaço público. Estamos falando da mulher marginalizada por ser mulher. E hostilizada por querer ser igual – assim como a grafiteira, a tatuadora, a quadrista, dentre tantas outras. A mulher que sangra⁹. E que se fortalece e resiste, sobreviventes às batalhas de cada dia.



⁹ Margaret Mead (1949, apud Mifflin, 1997) teoriza que, em culturas tribais, homens modificavam seus corpos para marcar importantes transições que, para mulheres, eram sinalizadas biologicamente: menstruação, gravidez e menopausa são todas tangíveis evidências de mudanças, passagem do tempo, amadurecimento, etc.

A tatuagem

No que se refere à modificação corporal ocidental, é importante refletir sobre a questão do "mal-estar" que ela provoca na sociedade, embora a prática de perfuração e de pigmentação da pele seja amplamente usada em toda a história da humanidade (Costa, 2003). A autora coloca que esse sentimento deriva, especificamente, da representação do corpo impressa e imposta pelo Cristianismo. Segundo Costa, essa representação atinge o auge na Idade Média, quando há associação iconográfica entre marcas de modificação corporal com marcas designadoras do herege, do judeu, da prostituta, do doente, etc – quebrando a ideia do corpo como imagem e semelhança de deus.

Ela atribui o retorno da tatuagem no ocidente através de marinheiros, prisioneiros e circenses, que passam a tatuar o corpo por iniciativa própria, a partir do fim do século XIX. E questiona: uma vez que atos de furar, recortar e pigmentar o corpo acompanham a história da humanidade em diferentes culturas, com usos e costumes específicos, seriam ainda atos de desvio, como está presente no imaginário ocidental desde a expansão da igreja, ou são atos caracteristicamente humanos?

É sabido que, mesmo nos dias de

hoje, a pessoa tatuada sofre regularmente com pré-julgamentos e discriminação, apesar de vivermos um momento em que a ultrapassagem de barreiras culturais se mostra cada vez mais acessível. Essas barreiras, normalmente impostas por um grupo privilegiado, servem à opressão exercida sobre os demais grupos, a fim de mantê-los sob exploração e manipulação. Discursos de ódio são propagados todos os dias por uma sociedade que é extremamente machista, racista, capitalista, homofóbica, transfóbica, gordofóbica, capacitista e religiosamente intolerante. Quem não se encaixa, sofre as consequências.

É possível, então, imaginar o quão marginal e *underground* era o peso que a tatuagem exercia no indivíduo, décadas atrás, ao ser aderida por grupos que não pertencem ao padrão homem-branco-rico-hétero-cis-magro/atlético-cristão. Este, baseado em argumentos falaciosos e preconceituosos, nega àqueles visibilidade e acesso, podendo experiências e motivando agressão e violência de diversos tipos.

Buscando uma investigação histórica do percurso das mulheres no universo da tatuagem elétrica, com informações detalhadas e documentadas, utilizei-me da obra de Margot Mifflin:

Bodies of Subversion, A Secret History of Women and Tattoos

(Corpos da Subversão, uma história secreta sobre mulheres e tatuos, em tradução livre)

Segundo a autora,

há uma ideia que o interesse

em frente a tatuagem viesse

apenas da primeira metade do

século, ao final do século XIX

essa é

que vemos diz

que trabalharam

mente tatuadas

os (freakshows). Os

os datam da década de

de Hildebrandt e Irene

de Belle Irene) ambas com

anos de idade. Pessoas

mostravam, por vezes

de, diz-se, mais

em apenas alguns

Muitas vezes

eram acompanhadas

histórias

tatuadas

am

de

de

de

de

de

de

de

de





A tatuagem

No que se refere à modificação corporal ocidental, é importante refletir sobre a questão do "mal-estar" que ela provoca na sociedade, embora a prática de perfuração e de pigmentação da pele seja amplamente usada em toda a história da humanidade (Costa, 2003). A ideia de que esse sentimento deriva especificamente da representação do corpo impressa e imposta pelo Cristianismo. Segundo Costa, essa representação atinge o auge na Idade Média, quando a associação ideográfica entre marcas de modificação corporal com marcas designadoras do herege, do judeu, do maldito, do doente, etc – quebrando a ideia do corpo como imagem e semelhança de deus.

É possível, então, imaginar o quão marginal e *underground* era o peso que a tatuagem exercia no indivíduo, décadas atrás, ao ser aderida por grupos que não pertencem ao padrão homem-branco-rico-hétero-cis-magro/atlético-cristão. Este, pautado em argumentos falaciosos e preconceituosos, nega àqueles visibilidade e acesso, podendo experiências e motivando agressão e violência de diversos tipos.

Buscando uma investigação histórica do percurso das mulheres no universo da tatuagem elétrica, com informações detalhadas e documentadas, utilizei-me da obra de Margot Mifflin:

Bodies of Subversion, A Secret History of Women and Tattoo

("Corpos da Subversão, uma história secreta sobre mulheres e tattoo", em tradução livre).

Segundo a autora, não foi coincidência que o interesse das mulheres frente à tatuagem viesse à tona com o acordar da primeira onda do feminismo, ao final do século XIX. Referente a essa época, a documentação que temos diz respeito às circenses, que trabalharam como "mulheres extremamente tatuadas" nos shows de aberrações (*freakshows*). Os primeiros registros datam da década de 1880, com Nora Hildebrandt e Irene Woodward (La Belle Irene), ambas com cerca de 20 anos de idade. Pessoas tatuadas já se mostravam presentes como atrações do circo em datas anteriores a essa, porém apenas homens ocupavam essa posição.

Muitas vezes, essas mulheres eram acompanhadas ao picadeiro por histórias fantasiosas sobre terem sido tatuadas a força e/ou sob alguma ameaça. Na prática, suas tatuagens provinham do trabalho de seus pais ou maridos tatuadores. E foi através destes que, no início do século XX, algumas mulheres começaram a tatuar: o único elo possível entre uma mulher e a profissão de tatuadora era através de seu cônjuge – enquanto que, para um homem, nunca existiu tal restrição.

as consequências.







Foi o caso de Maud Stevens Wagner, considerada a primeira tatuadora ocidental. Ela era contorcionista no circo e conheceu o marinheiro e tatuador Gus em 1904, com quem começou a namorar – mas com uma condição: desde que ele a ensinasse a tatuar. Tiveram uma filha, Lotteva Wagner, que também aprendeu o ofício¹⁰.

Por volta das décadas de 50 e 60, com a popularização da televisão e dos filmes, os circos perderam boa parte do mercado de entretenimento. Foi também nesse momento que a tatuagem sofreu proibições nos Estados Unidos, após uma epidemia de hepatite que foi correlacionada a contaminação por falta de biossegurança nos procedimentos. Ilegal, passou a ser mais adotada por motoqueiros, membros de gangues e prisioneiros. Para ilustrar o estigma da mulher então tatuada – do qual só era possível transpor em caso de poder aquisitivo, que “comprasse” tal legitimação – Mifflin menciona o caso de um estuprador de Boston, julgado e culpado; porém, no momento em que uma pequena tatuagem de borboleta foi visualizada na perna da vítima, foi inocentado. Os agentes da lei consideraram que a tatuagem era um indicativo de promiscuidade ou de prostituição, e, devido a isso, concebiam

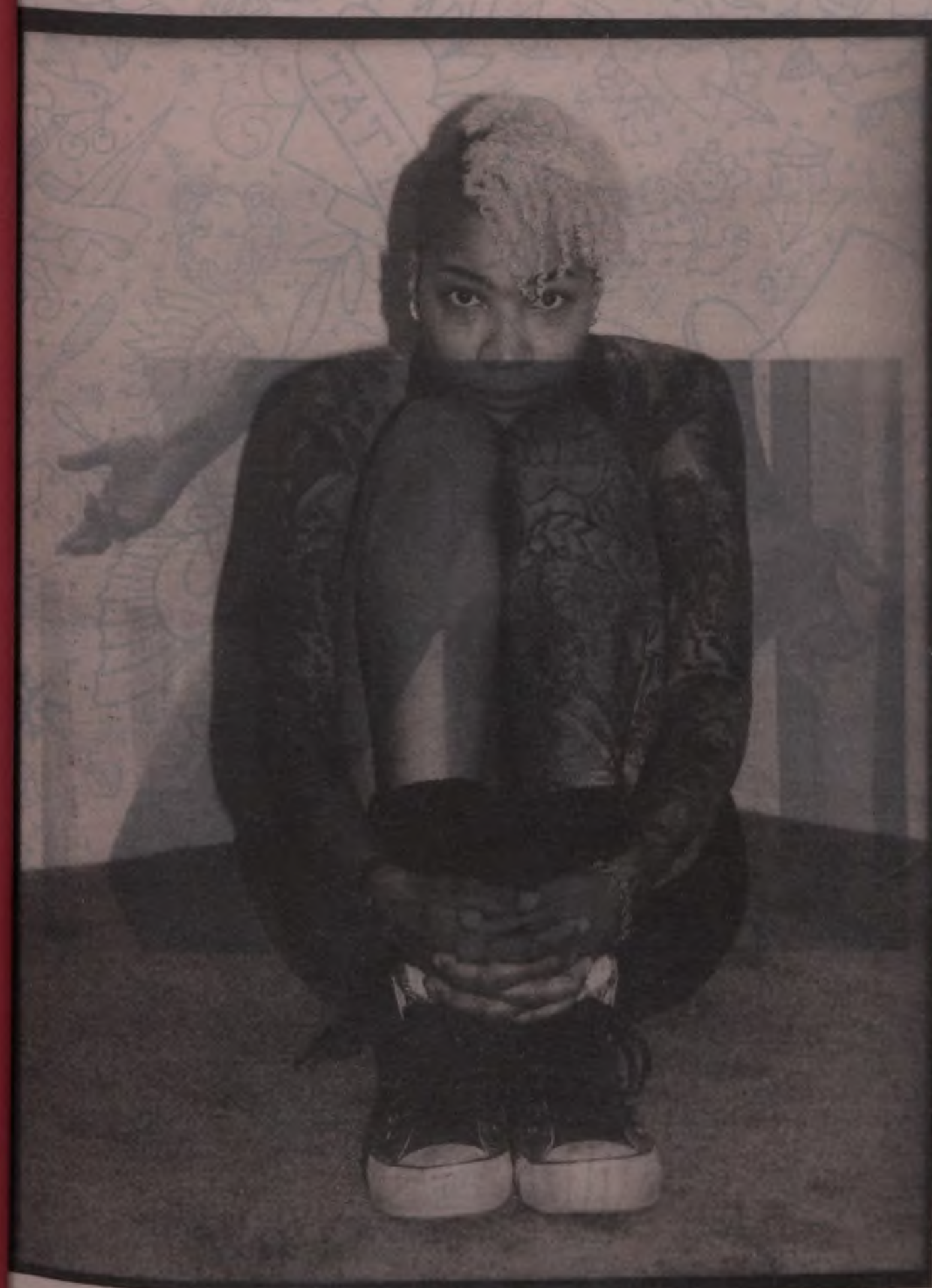
então que a denúncia não deveria ser levada a sério.

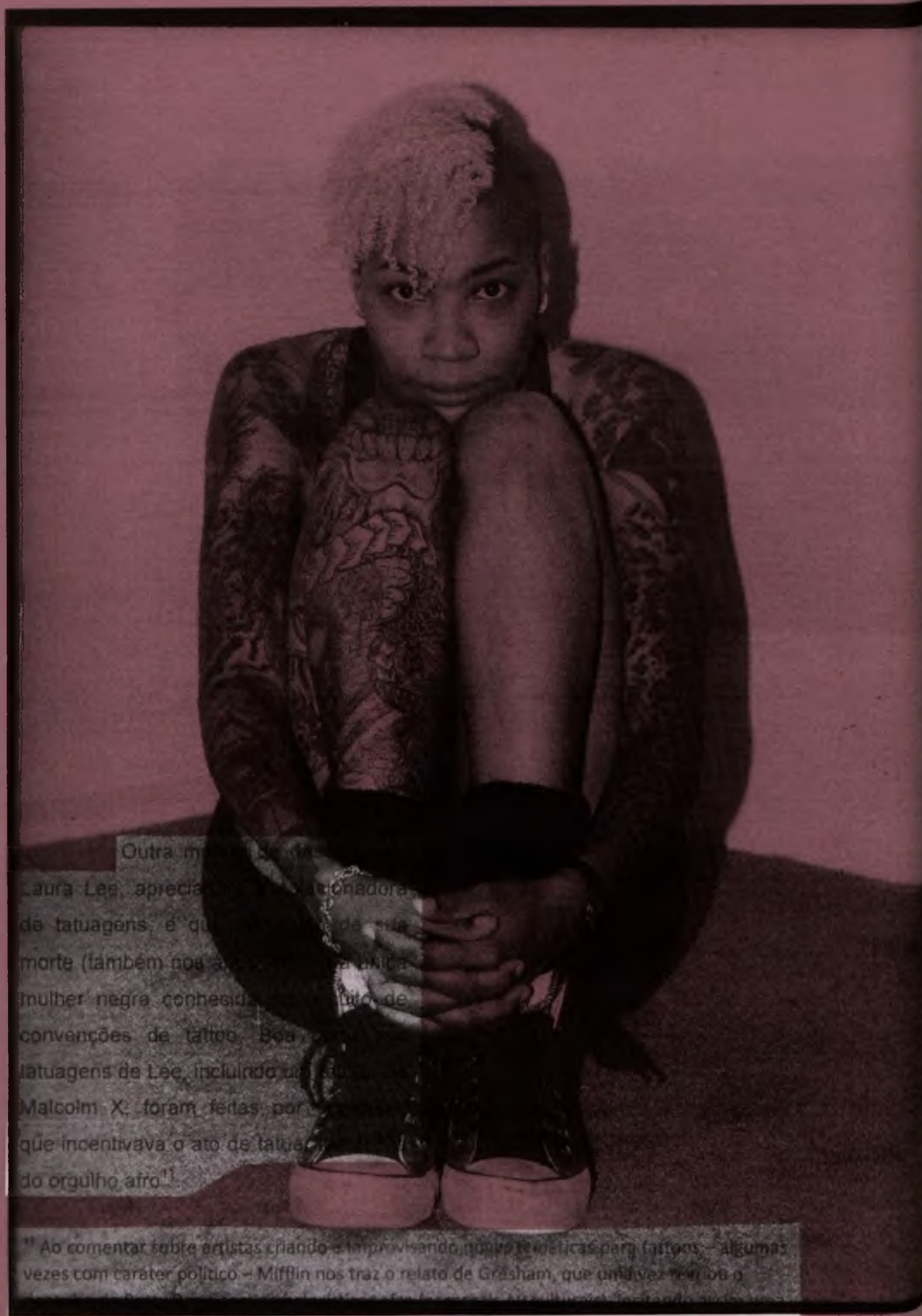
É notável que a opressão sobre a mulher é mais evidente a medida em que ela se afasta daquele padrão privilegiado discutido anteriormente. A exemplo, depois de décadas em que as mulheres brancas já pegavam nas máquinas, foi só em 1976 que se deu o primeiro registro de uma tatuadora afro-americana. Jacci Gresham relata que nunca conheceu outra artista negra, e só chegou a encontrar colegas de profissão negros em 1997.

¹⁰ Segundo Mifflin, Lotteva cresceu na estrada e já começava a tatuar com 9 anos de idade.

Outra mulher de destaque foi Laura Lee, apreciadora e colecionadora de tatuagens, e que até o dia de sua morte (também nos anos 90) era a única mulher negra conhecida no circuito de convenções de tattoo. Boa parte das tatuagens de Lee, incluindo um retrato de Malcolm X, foram feitas por Gresham, que incentivava o ato de tatuar temáticas do orgulho afro¹¹.

¹¹ Ao comentar sobre artistas criando e improvisando novas temáticas para tattoos – algumas vezes com caráter político – Mifflin nos traz o relato de Gresham, que uma vez recriou o desenho da Betty Boop com características afro (corporais ou culturais), incitando assim uma pequena tendência entre suas clientes negras.

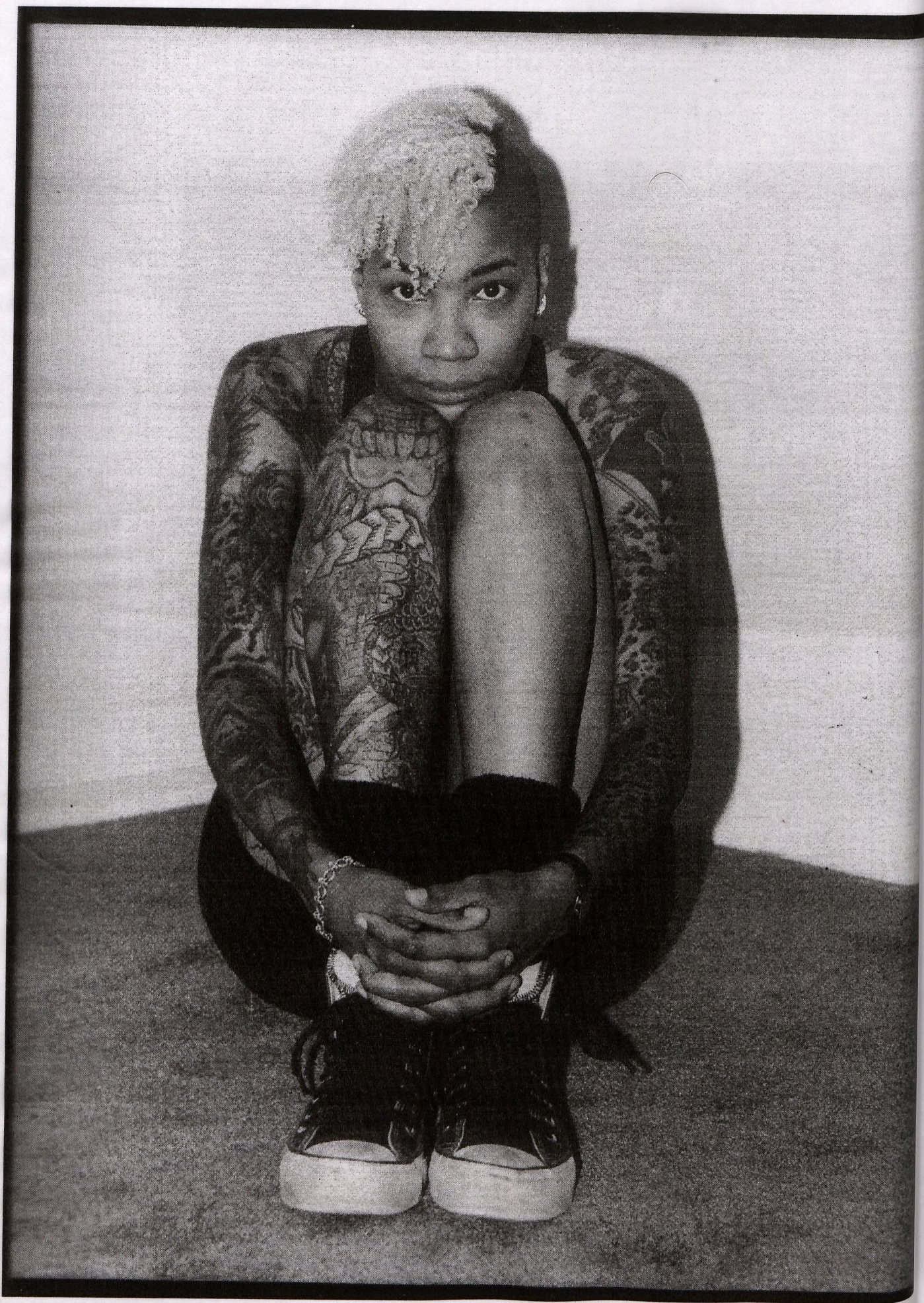




Outra mulher de nome
 Laura Lee, apreciadora e patrocinadora
 de tatuagens, é quem sobreviveu da sua
 morte (também nos anos 1970, a única
 mulher negra conhecida no mundo de
 convenções de tattoo. Boa parte das
 tatuagens de Lee, incluindo as de
 Malcolm X, foram feitas por alguém
 que incentivava o ato de tatuagem como
 do orgulho afro.¹¹

¹¹ Ao comentar sobre artistas criando e improvisando novas técnicas para tattoos – algumas
 vezes com caráter político – Mifflin nos traz o relato de Grasham, que uma vez levou o







Malcolm X, líder da OAAU,

convenceu os líderes da

Organização a adotar o

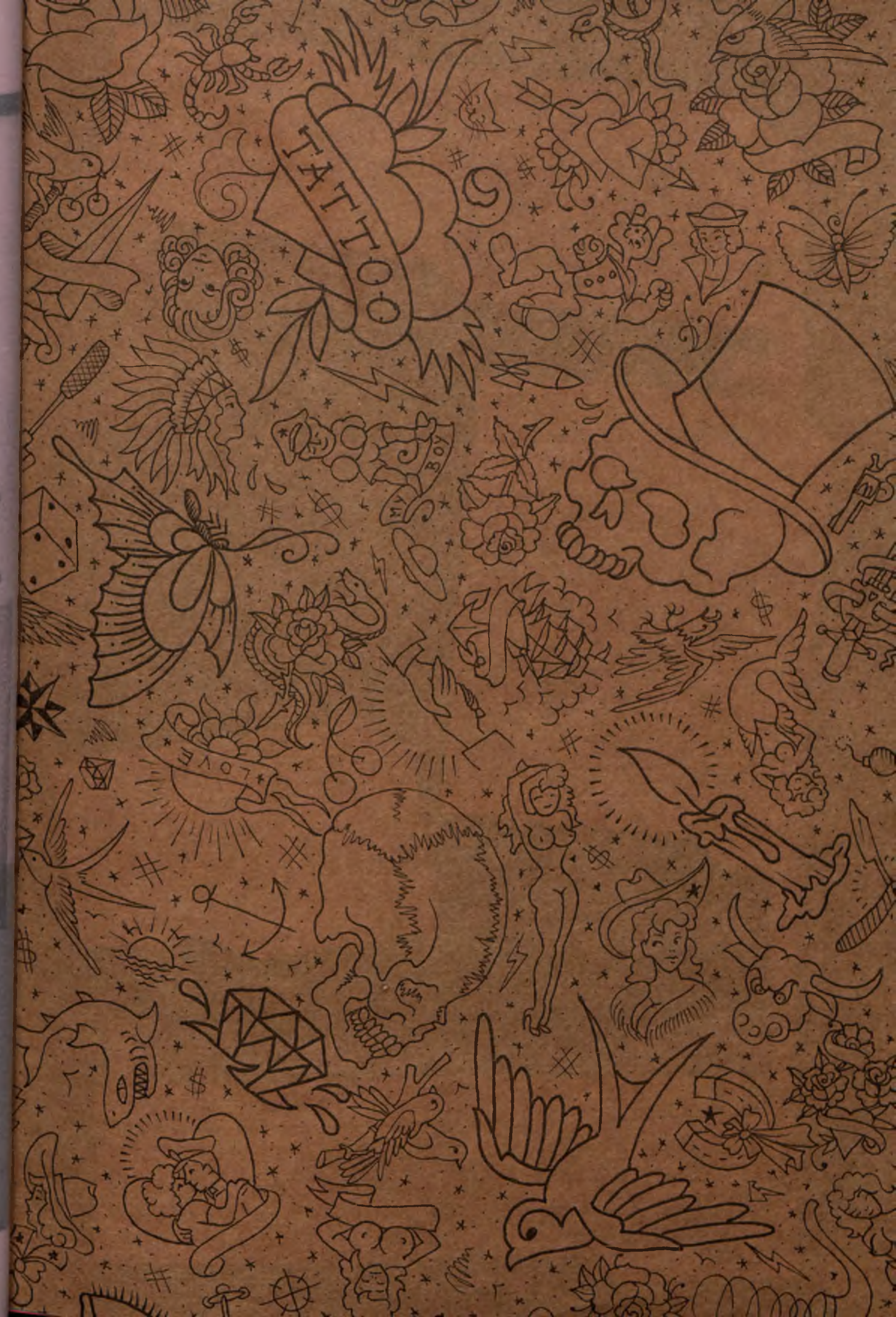
Malcolm X, líder da OAAU,

que incentivava o uso de

o cabelo afro.

No entanto, o OAAU não criou a ideia de usar o cabelo afro. A ideia veio de um grupo de jovens negros que se reuniam no bairro de Harlem, em Nova York, nos anos 1960.

pequena tendência entre suas clientes negras.



Se tratando da marginalização e invisibilização da mulher tatuada, a autora menciona também o caso de Rusty Field Skuse, que foi expulsa da marinha em 1979 depois de descoberta uma pequena tattoo em seu pulso. A essa altura, depois de uma década trabalhando para o exército britânico, ela já colecionava mais de 60 desenhos na pele – embora fosse proibida de exibí-los fardada. O irônico é que, a homens marinheiros, não só era informalmente permitido exibir as tatuagens, como também encorajado.

Rusty, então, passou a trabalhar com seu tatuador, Bill Skuse, com quem já estava familiarizada. Ele a ensinou a tatuar, se casaram e trabalharam juntos até a morte de Bill, em 1995. Rusty nos servirá para ilustrar também outra situação corriqueira no meio da tatuagem: as tatuadoras que só recebem alguma aceitação por estarem associadas à imagem de um homem. "Bill era famoso, então as pessoas tiveram que me aceitar mais cedo ou mais tarde. Se eu estivesse sozinha, creio que teria tido dificuldades", ela relata.

Segundo Mifflin, "(...) a maioria dos fornecedores de equipamento [para tatuagem] vendiam apenas para pessoas recomendadas por clientes já conhecidos. Adentrar [esse meio] era quase impossível sem uma conexão com um tatuador homem."

Mildred Hull, tatuadora em Nova York entre os anos 20 e 40, é uma exceção. Diferente das mulheres que trabalharam nos estúdios dos maridos, Hull abriu sua própria loja – um grande incômodo para os tatuadores, que tentavam sabotá-la diminuindo seus preços, a fim de lhe roubar a clientela. "Você sabe como os homens são nos negócios, sempre invejosos se uma mulher se sai tão bem quanto eles", ela diz.



Se tratando da marginalização e invisibilização da mulher tatuada, a autora menciona também o caso de Rusty Field Skuse, que foi expulsa da marinha em 1979 depois de descoberta uma pequena tattoo em seu pulso. A essa altura, depois de uma década trabalhando para o exército britânico, ela já colecionava mais de 60 desenhos na pele – embora fosse proibida de exibi-los fardada. O irônico é que, a homens marinheiros, não só era informalmente permitido exibir as tatuagens, como também encorajado.



Mildred Hull, tatuadora em Nova York entre os anos 20 e 40, é uma exceção. Diferente das mulheres que trabalharam nos estúdios dos maridos, Hull abriu sua própria loja – um grande incômodo para os tatuadores, que tentavam sabotá-la diminuindo seus preços, a fim de lhe roubar a clientela. “Você sabe como os homens são nos negócios, sempre invejosos se uma mulher se sai tão bem quanto eles”, ela diz.



As investidas dos tatuadores em diminuir e subjugar as mulheres eram (e ainda são) constantes. Historicamente, tatuadores são muito territoriais e competitivos, e só repassavam seus conhecimentos, quando envelheciam, a outro homem aprendiz. Era uma tradição carregada em veias masculinas por anos – não se abria às mulheres. Embora amenizada, a situação atual é semelhante: por causa da rede que os homens criaram, tem sido difícil para o trabalho das tatuadoras ganharem visibilidade em convenções, competições, revistas, etc.

Kandi Everett, havaiana tatuadora desde o final da década de 70, compara sua entrada no círculo da tattoo com a missão de adentrar uma cidadela: ela era rotineiramente excluída das conversas pelos colegas do estúdio, que esperavam que ela se misturasse apenas com suas esposas e namoradas.



As investidas dos tatuadores em diminuir e subjugar as mulheres eram (e ainda são) constantes. Historicamente, tatuadores são muito territoriais e competitivos, e só repassavam seus conhecimentos, quando envelheciam, a outro homem aprendiz. Era uma tradição

passada em veias masculinas por anos e não se abria às mulheres. Em uma pesquisa, a situação atual é semelhante, por causa da rede que os homens criaram, tornando difícil o trabalho das mulheres, ganhando visibilidade, quebrando convenções, competições, revistas, etc.



Kandi Everett, havaiana tatuadora desde o final da década de 70, compara sua entrada no círculo da tattoo com a missão de adentrar uma cidadela: ela era rotineiramente excluída das conversas pelos colegas do estúdio, que esperavam que ela se misturasse apenas com suas esposas e namoradas.



A black and white photograph of a woman with short, dark, curly hair, wearing a light-colored, short-sleeved button-down shirt with a decorative, possibly beaded or floral, collar. She is seated and looking directly at the camera. Behind her are several large, dark, textured objects, possibly sculptures or large leaves, some of which have white, flower-like or shell-like decorations attached to them.

A black and white portrait of a woman with long, wavy, light-colored hair. She is wearing a dark, short-sleeved top and patterned arm warmers that cover her forearms. Her hands are clasped together in front of her, and she is looking directly at the camera with a slight smile. The background is dark and textured.

Vyvyn Lazonga, apaixonada por desenho desde criança, iniciou seu aprendizado em tattoo em 1972, em Seattle. Até que conseguisse, em 79,

abrir seu próprio estúdio, ela assistiu a vários homens menos experientes serem promovidos acima de sua posição, enquanto ela era forçada a usar os equipamentos com péssima qualidade, quebrados ou com defeitos, que não possibilitavam sua evolução nos trabalhos.

Lembrando que, nesse momento, a acessibilidade ao material era muito restrita, entende-se a dependência que a tatuadora tinha em relação a seu patrão, que a manipulava: dizia não ter tempo para consertar as máquinas quebradas, e no entanto dispunha *sim* de tempo para enfeitá-las com brilhantes e joias falsas. Sua preocupação em ter uma mulher trabalhando em sua loja não dizia respeito à qualidade do trabalho que ela executa, e sim às aparências.

Lazonga era esnobada por tatuadores nas convenções e rotineiramente ridicularizada no estúdio de seu patrão, como quando ouviu um cliente comentar com os amigos: "o quanto você gostaria de *foder* uma coisa dessa?". Em sua própria loja, ela diz, não admite pessoas assim.

desde o final da década de
muito de aprender um
e colegas do estúdio
pessoas e namoradas

Tatuadoras eram poucas e se encontravam distantes umas das outras, nos anos 70. Algumas dizem que não estavam cientes da existência das demais colegas de profissão. Lazonga compartilha sua opinião a respeito: "Muitas de nós fomos trazidas às ideias de segregar e conquistar [território]. Não é esperado que nos juntemos, que sejamos amigáveis umas com as outras. Eu me senti como uma ilha isolada por boa parte da minha carreira".

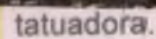
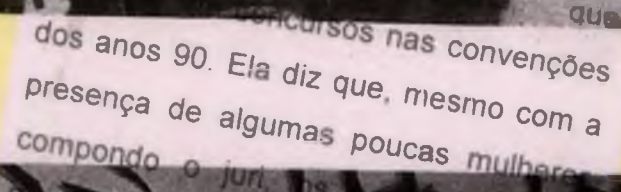
Casos de objetificação do corpo da mulher, como o que ela relatou, não são raros na tatuagem. Mifflin cita também o relato de Stephanie Farinelli, colecionadora de tatuagens, que competia em concursos nas convenções dos anos 90. Ela diz que, mesmo com a presença de algumas poucas mulheres compondo o júri, os concursos eram degradantes: "Um dos juízes pediu à outra competidora que colocasse a bunda dela na mesa, em frente a ele, para que ele pudesse ter uma melhor visão". Ela também comenta que, se queriam ganhar o concurso, as mulheres eram induzidas a exibir um corpo bem torneado, vestindo roupas sexualmente sugestivas, enquanto que, para os homens competidores, não havia qualquer dessas "exigências".

Nesse período, as revistas sobre tatuagem já estavam em alta no círculo interno do meio. Enquanto os homens fotografados mantinham suas calças para as fotos, mesmo que isso significasse esconder parte da tattoo, as mulheres eram frequentemente retratadas sem camisa, com os seios nus, mesmo não havendo qualquer necessidade de nudez – caso a intenção fosse mostrar a tatuagem. "Se você não tira sua camisa, eles não querem você na revista", diz Andrea Elston, tatuadora.



Concurso para mulheres e homens que exibem suas tatuagens.

Como, por exemplo, exigir que a cliente retire a blusa para fazer uma tatuagem no pulso.



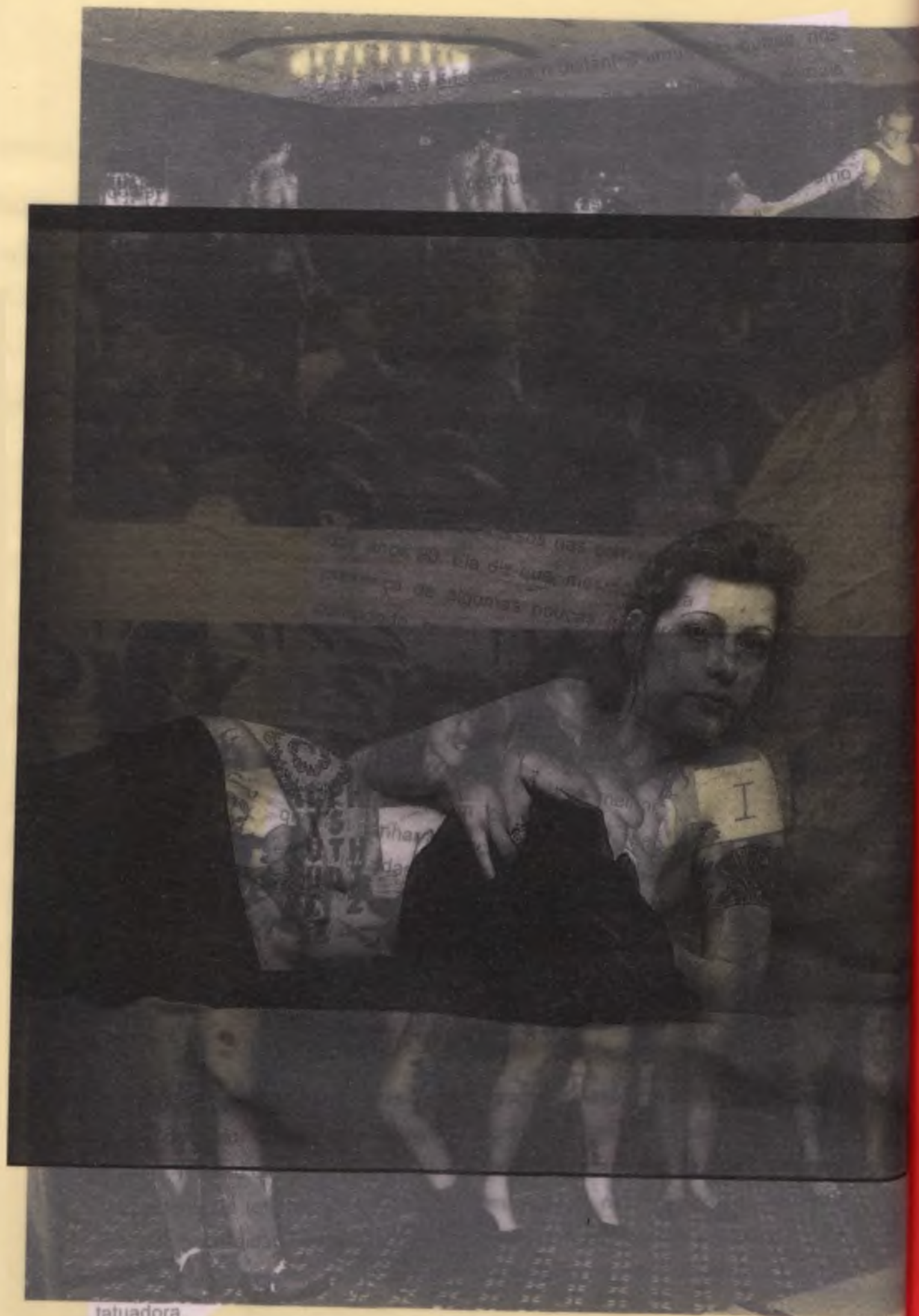
visibilidade as latitudes. A atuação não é como em alguns esportes, em que, em oposição a essa

Muitas dessas artistas, conhecidas como "tatuadoras de rua", começaram a introduzir eletricidade e a novidade em seus procedimentos de tatuagem. Já no início dos anos 30, a tatuadora mais conhecida da época, a brasileira, fazia tatuagens de caráter mais artístico, com desenhos de flores, animais e figuras humanas. A tatuagem era então considerada um símbolo de poder e de status social. No entanto, a tatuagem também era usada como uma forma de expressão de identidade e de pertencimento a um grupo. Segundo Mifflin, certos tatuadores eram conhecidos por exigir que o cliente retirasse mais peças de roupa do que o necessário para o procedimento em questão – prática que, lamentavelmente, acontece até hoje em alguns estúdios, aqui mesmo em Brasília.

¹² Como por exemplo, no ano de 2014, pela 4ª vez desde 2012, quase metade dos senadores dos Estados Unidos (inclusive nessa parcela todos do partido republicano – conhecido pelo conservadorismo) votaram contra o Paycheck Fairness Act, que propõe salários igualitários para mulheres e homens que executam os mesmo serviços ou empregos.

²³ Como, por exemplo, exigir que a cliente retirasse a blusa para fazer uma tatuagem no pulso.





tatuadora.

É também nos anos 90 que surge uma primeira proposta de convenção de tatuagem "só para mulheres", idealizada pela tatuadora Deana Lippens. Embora ainda com uma série de machismos a desconstruir, a convenção acrescentou visibilidade às tatuadoras. Elston, no entanto, recusou o convite para participar, argumentando que tatuagem não é como em alguns esportes, em que a mulher estaria em desvantagem biológica competindo com homens. Em oposição a essa ideia, há uma perspectiva diferente: embora de fato não seja biológica, há sim uma desvantagem, uma vez que as mulheres raramente recebem o reconhecimento que merecem pelo trabalho que executam¹², além enfrentarem dificuldades em maior quantidade e intensidade do que os homens.

No entanto, apesar de tantos impecilhos, as mulheres na tatuagem promoveram inovações e aperfeiçoamentos em relação a vários aspectos da profissão: a temática dos desenhos, a aplicação em pele, a composição junto ao local do corpo, a consideração com o conforto da cliente, etc.

Muitas dessas artistas mencionadas buscaram introduzir elementos de art deco e nouveau em seus trabalhos, além de representações essencialmente femininas registradas – como quando, nos anos 30, a tatuadora Ruth Weyland explorava em sua arte imagens explícitas de interações lésbicas, e quando, nos anos 90, emergiu a ideia de tatuar o desenho de um útero, possivelmente como símbolo de poder feminino e fertilidade. Muitas clientes também procuram tatuadoras em função de se sentirem mais confortáveis e seguras contra abusos por parte dos homens. Segundo Mifflin, certos tatuadores eram conhecidos por exigir que a cliente retirasse mais peças de roupa do que o necessário para o procedimento em questão¹³ – prática que, lamentavelmente, acontece até hoje em alguns estúdios, aqui mesmo em Brasília.

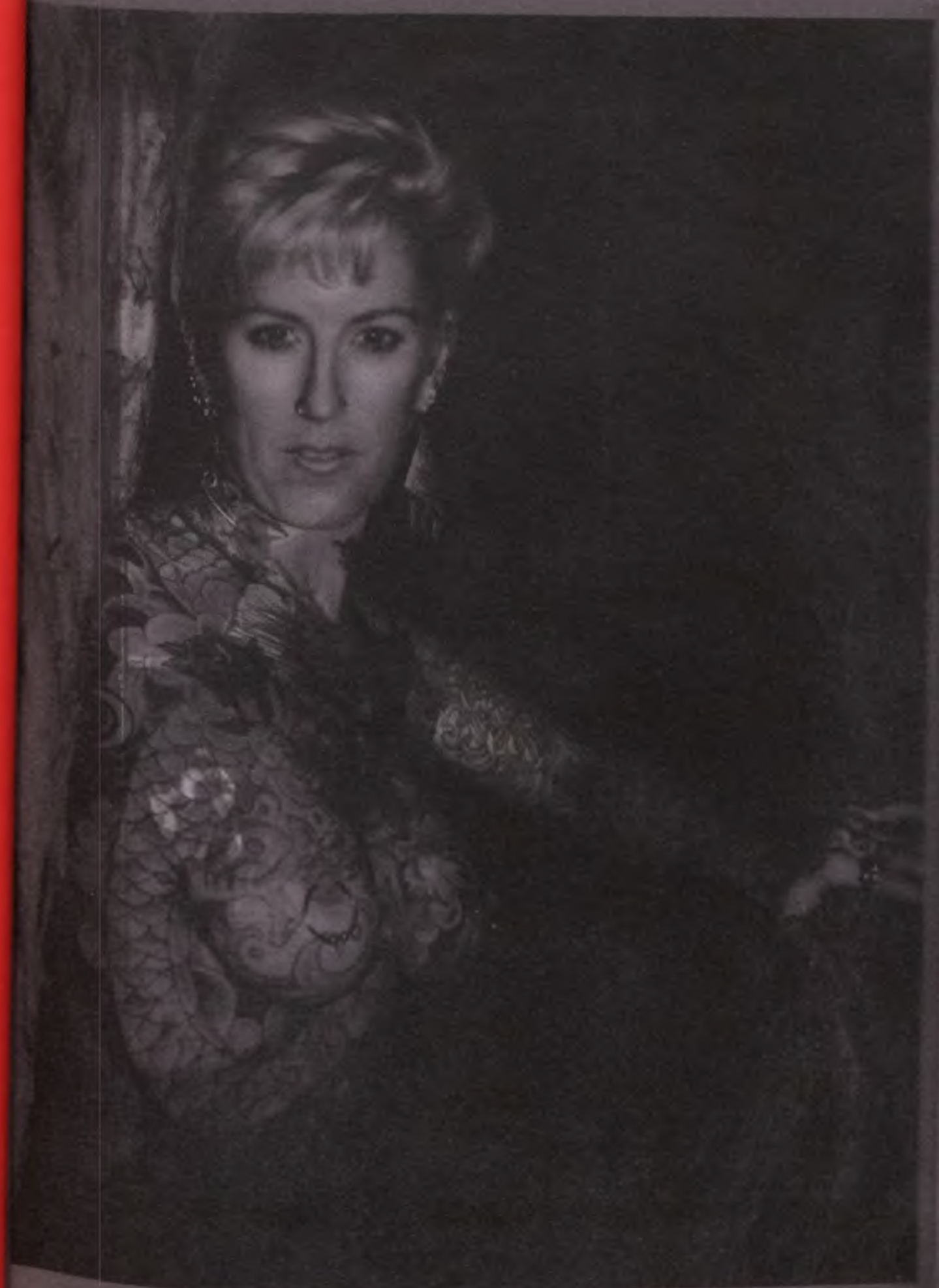
¹² Como por exemplo, no ano de 2014, pela 4ª vez desde 2012, quase metade dos senadores dos Estados Unidos (inclusive nessa parcela todos do partido republicano – conhecido pelo conservadorismo) votaram contra o Paycheck Fairness Act, que propõe salários igualitários para mulheres e homens que executam os mesmo serviços ou empregos.

¹³ Como, por exemplo, exigir que a cliente retirasse a blusa para fazer uma tatuagem no pulso.

Mulheres tatuadas confrontam a sociedade com sua independência¹⁴. De volta aos anos 80, Krystyne Kolorful, com 95% do corpo tatuado, defende que esse ato representa também uma clara declaração de que *o corpo é dela e ela faz com ele o que quiser*.

Krystyne foi abusada sexualmente quando criança, e se utilizava da modificação corporal também como um modo de publicamente exorcisar o sentimento de violação que ela carregou até a fase adulta. Ter o corpo tatuado, para ela, além de representar seu espírito forte, era como contar seu segredo aos desconhecidos que a pré-julgavam: ela deve ter tido uma infância conturbada, eles pensariam.

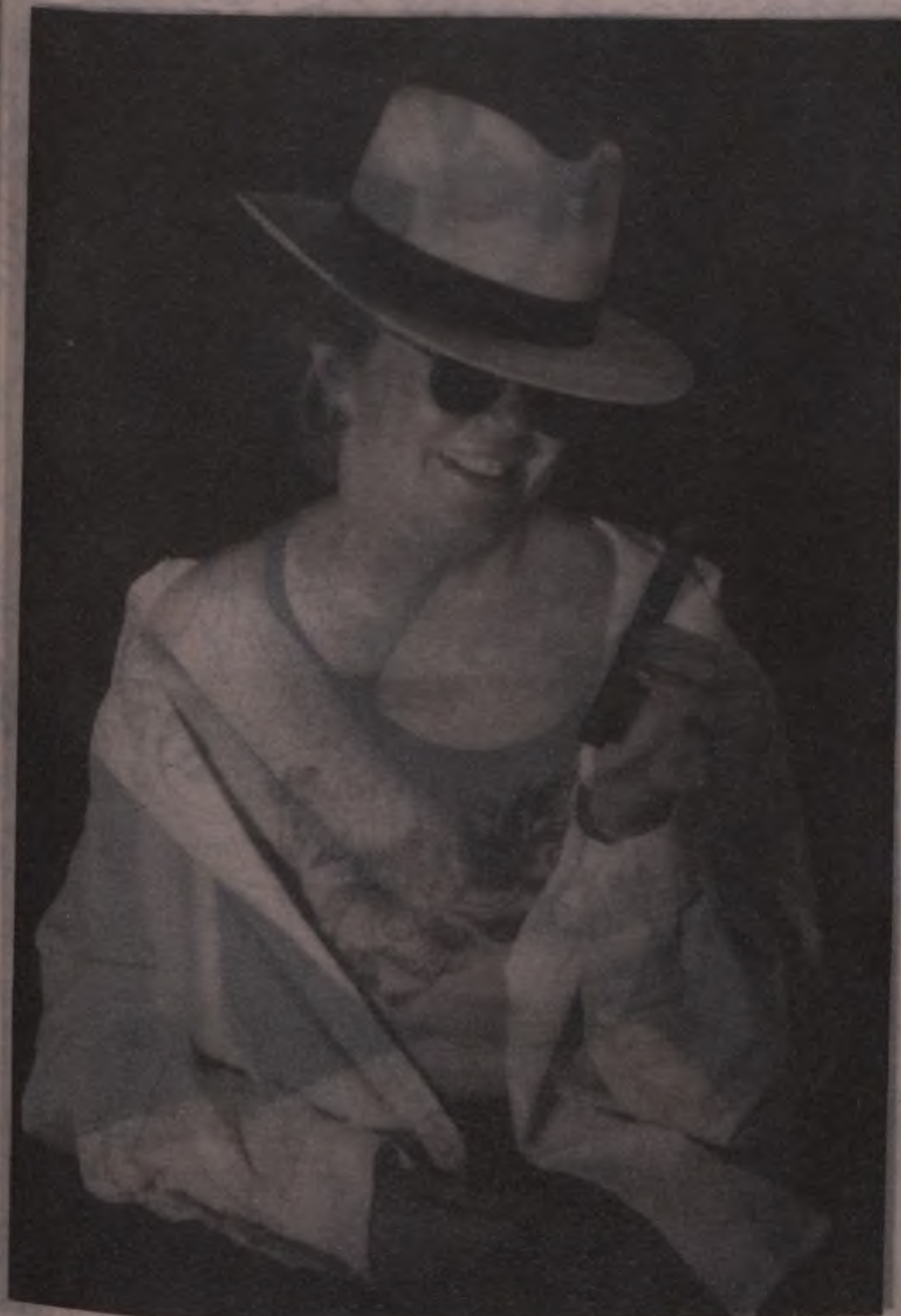
¹⁴ "Ela queria ser mulher de si mesma – ela nunca quis depender de ninguém para nada," diz Charles Roark, um ventriloquista que foi casado com Betty Broadbent, circense, capa do livro. (p.30) Jill Jordan, tatuadora, descreve sua típica cliente: "Ela é independente [e] normalmente com algum inclinação espiritual [...] Ela é alguém que está descobrindo e redescobrando a si mesma" (p.106)





Marcia Rasner reitera o sentimento de Krystyne a respeito da necessidade de expressar questões íntimas do corpo através da tatuagem. Rasner foi diagnosticada com câncer de mama, e submetida à cirurgia de dupla mastectomia. Enfrentando por 10 anos seu desconforto com suas cicatrizes, tatuou-se então com Madame Chinchila, dando mais um importante passo rumo à recuperação emocional e auto-aceitação física.

SuzAnne Fauser, mestre em Belas Artes e tatuadora, defendia: "nós não estamos nos auto-infligindo, estamos tentando embelezar nosso templo e aprender a nos amar e nos expressar". Segundo Mifflin, a tatuagem permite diferentes gradações de significado, e assumiu importância tanto ritualística quanto terapêutica para muitas mulheres.



Rasner reitera o respeito da

sent
nec
int
R

10 anos
cicatrizes,
Chinchila,
so rumo à

cional e au

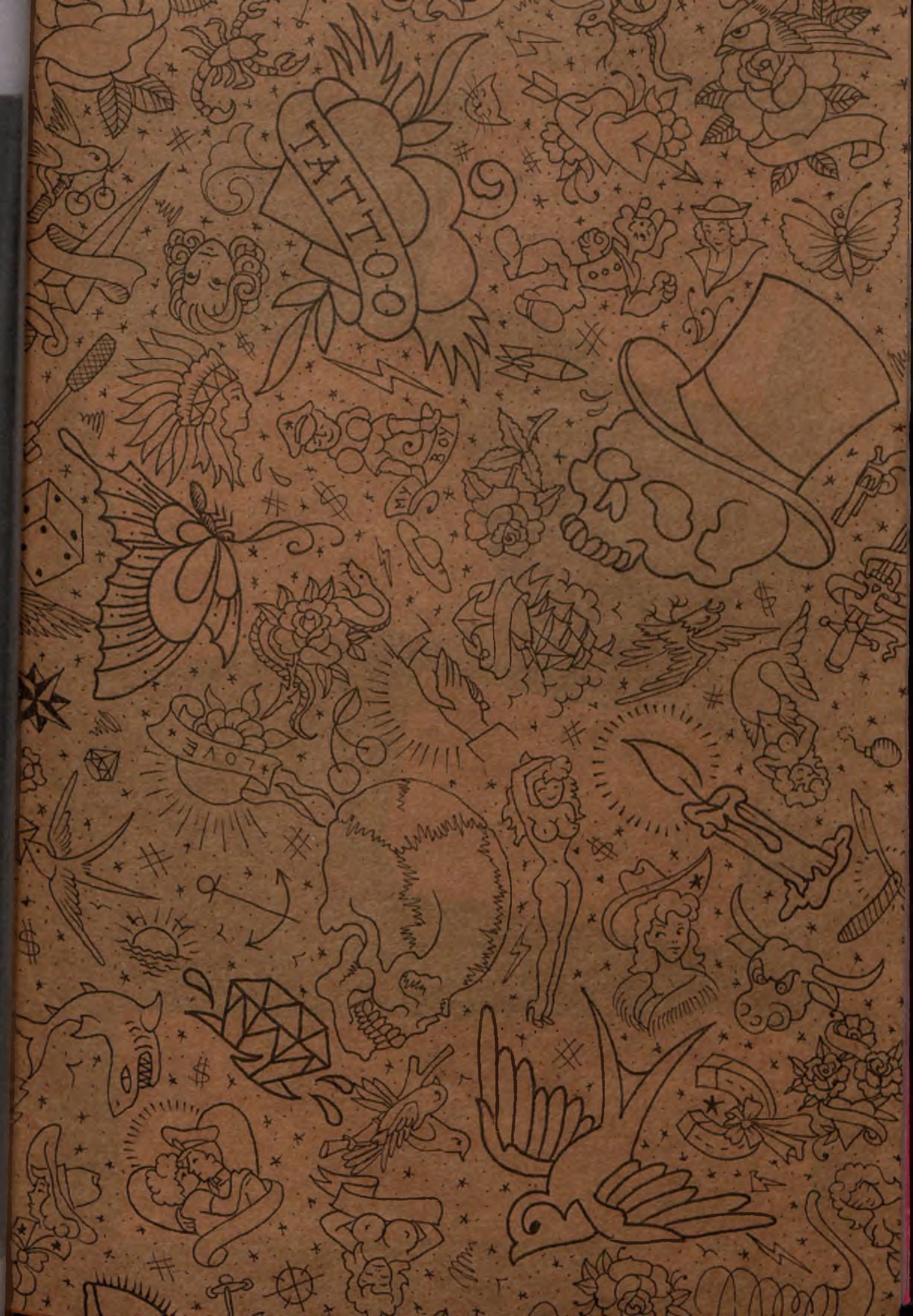
...Anne Fauser, mestre e
...nos auto-infligindo
...amar e nos ex
...ações de sig
...a para n

...atuadora, defendia: "nos
...embeazar nosso tem
...talit





sent
nec
Int
R



Jamie Summers, ou "La Palma", era conhecida por seu trabalho criativo com sombras sutis, cores pastéis e padrões com pontos. Ela trazia uma abordagem xamânica para a prática artística, procurando conceber desenhos da profundezas da psiquê de seus clientes, durante consultas prévias à sessão de tattoo.

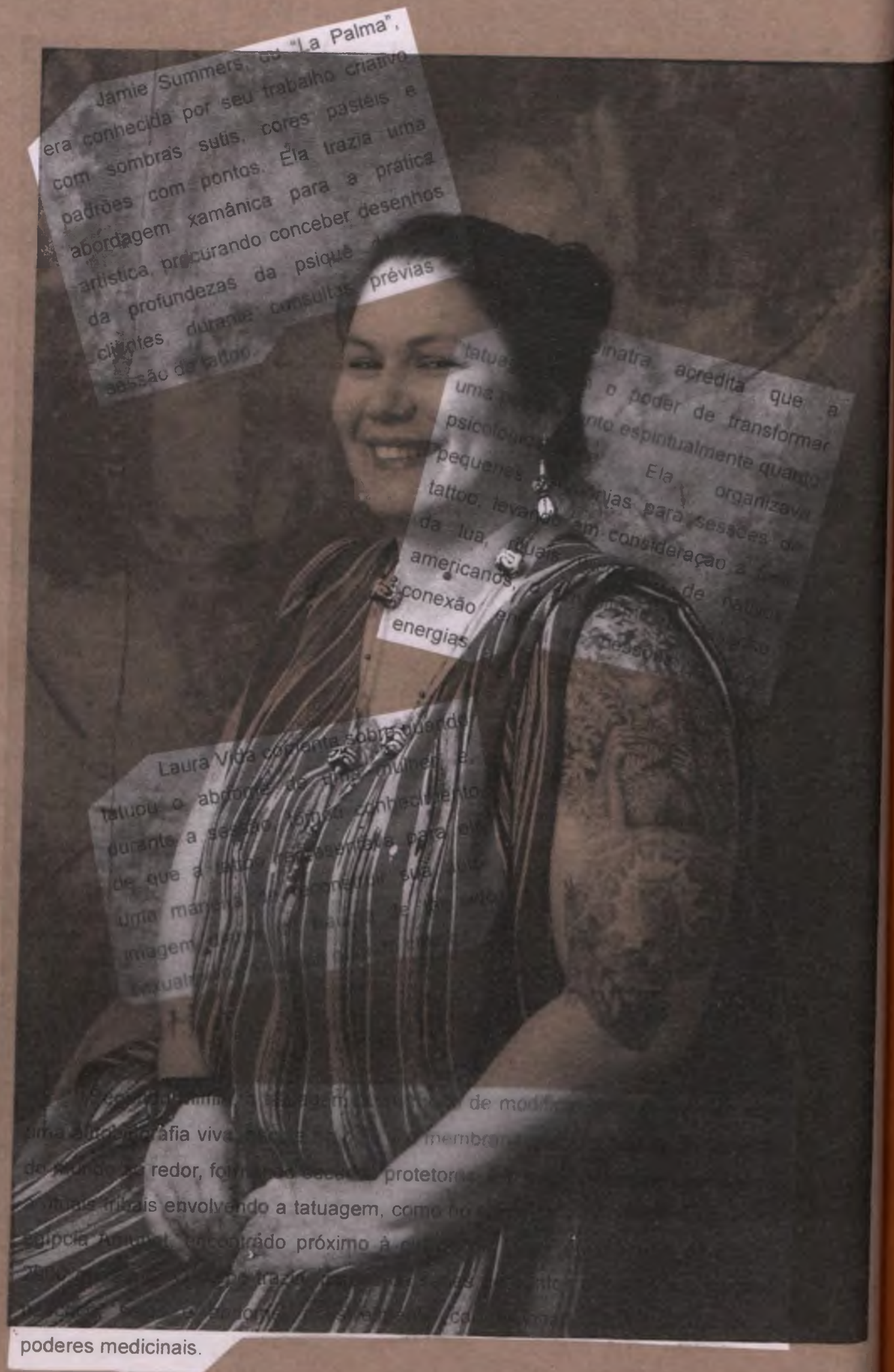
Pat Sinatra acredita que a tatuagem tem o poder de transformar uma pessoa tanto espiritualmente quanto psicologicamente. Ela organizava pequenas cerimônias para sessões de tattoo, levando em consideração a fase da lua, rituais wicca ou de nativos americanos, o simbolismo do desenho, conexão entre as pessoas e boas energias.

Laura Vida comenta sobre quando tatuou o abdome de uma mulher, e, durante a sessão, tomou conhecimento de que a tattoo representava para ela uma maneira de reconstruir sua auto-imagem diante do trauma de ter sido sexualmente abusada quando criança.

Segundo Mifflin, a tatuagem é um modo de modificar a natureza para criar uma autobiografia viva, escrita na pele – a membrana que nos separa fisicamente do mundo ao redor, formando escudos protetores. Ela também remete brevemente a rituais tribais envolvendo a tatuagem, como no corpo mumificado da sacerdotisa egípcia Amunet, encontrado próximo à cidade de Luxor em 1923, e datado de 2000 anos a.C. O corpo trazia marcas de séries de pontos e traços nos ombros, pescoço, seios e abdome, possivelmente correlacionados com fertilidade e poderes medicinais.







A bruxaria

— É a comida má que causa o raquitismo — esclareceu Igraine. Minha irmã, que é sacerdotisa-curandeira, sabe que nenhuma criança que tenha mamado durante dois anos completos, num peito sadio, jamais sofre de fraqueza, e que isso só acontece se ela for entregue a uma ama de leite desnutrida ou se for desmamada cedo demais, e alimentada com água de farinha.

— Eu acho isso uma superstição tola — opinou Gwyneth. — O livro de missa é sagrado e eficiente contra todas as enfermidades, sobretudo contra as doenças de crianças pequenas, batizadas contra os pecados dos pais, e que não cometeram nenhum pecado, elas mesmas.

Entre o nosso povo a virgindade não tem grande importância; uma mulher de fertilidade comprovada, o ventre cheio com um filho saudável, é a esposa mais desejável. Mas com os cristãos não é assim. Eles irão tratá-la como mulher vergonhosa, e o homem que Gorlois convencer a desposá-la fará com que sofra durante toda a sua vida pelo fato de não ser o pai da criança que você carrega.

Para essa pesquisa, trato da energia feminina sagrada a partir da perspectiva de comunidades e círculos pagãos de veneração à Deusa, Mãe Terra. Como referência teórica, me utilizei da literatura de ficção: procurei pelas histórias das Brumas de Avalon, de Marion Zimmer Bradley. Ela reconta a lenda do rei Artur do ponto de vista das poderosas mulheres dos reinos matriarcais de Avalon e Camelot, num momento em que o Cristianismo começa a dominar a ilha-nação da Grã Bretanha, conflitando com os cultos pagãos ali existentes. Busquei em *A Senhora da Magia*, o primeiro livro da série, passagens que dizem respeito à deusa triplice: a donzela, a mãe e a anciã. São representadas também pela puberdade (iniciação), fertilidade e sabedoria.

— A maioria das mulheres que conheço haveriam de considerar-se muito pudicas para mostrar as pernas nuas.

Morgana corou.

— Nunca me ocorreu que a modéstia tenha muito que ver com pernas nuas para subir morros. Os homens devem saber, sem dúvida, que as mulheres têm pernas parecidas com as suas. Não deve ser ofensa muito grande à modéstia ver aquilo que são capazes de imaginar. Sei que alguns dos padres cristãos dizem isso, mas geralmente eles parecem pensar que o corpo humano é obra de algum demônio e não de Deus, e que ninguém pode ver um corpo de mulher sem ser tomado pelo desejo furioso de possuí-lo.

que, naquele ano, ela não precisaria participar do ritual do fogo de Beltane, do qual algumas de suas colegas sacerdotisas safam grávidas pelo efeito de ervas, filhos esses que nasciam, ou eram abortados como desagradável que, se não fosse seguido, dava origem ao processo ainda mais desagradável e perigoso do parto, com o aparecimento de crianças cansativas, que eram criadas ali, ou enviadas para lares adotivos, segundo as determinações da Senhora, M

Sabia do que precisava: de uma única raiz, da casca de um arbusto e de mais duas ervas. Tudo isso era encontrado em Avalon. Poderia tê-las apanhado na despensa na Casa das Moças, mas teria de explicar por que, e não desejava isso. Não queria nem a simpatia nem as brincadeiras das outras mulheres. Era melhor, portanto, ir ela mesma à procura do material. Conhecia alguma coisa das ervas e um pouco do ofício de parteira. Não precisava colocar-se na dependência de outra pessoa, para isso.

O livro traz, através de diversos trechos, características muito interessantes do modo de pensar e agir no contexto dos reinos matriarcais mencionados. Fica evidente que se trata de grupos (ou comunidades) que prezam pelo respeito e contato com as forças e os processos da natureza e da mulher. Para ilustrar brevemente, anexo aqui passagens do livro, trechos que tratam do empoderamento feminino acerca do próprio corpo e da maternidade — em geral, destoando de ideias opressoras e limitadas perpetuadas pela doutrina cristã.

rei. — Não vou ter esse filho. Quando voltar para Avalon, sei o que farei.

Morgause olhou-a, perturbada: — Ah, minha querida, você vai mesmo fazer isso? Em Avalon, receberiam bem um filho do Deus, e você é da linhagem real de Avalon. Não digo que eu não tenha feito o mesmo... Já lhe contei que tive muito cuidado de não ter um filho que não fosse de Lot, o que não significa que tenha dormido sozinho sempre que ele está longe, nas suas guerras. Bem, por que haveria de dormir? Não creio que ele sempre se deite sozinho! Mas uma velha parteira disse-me, certa vez, e ela conhecia bem o seu ofício, que uma mulher não deve tentar nunca deitar fora o primeiro filho que concebe, pois isso poderia prejudicar-lhe o ventre e impedir que tivesse outro.

er, já não teria mais nada a dizer. Ficou grata ao conselho de Morgause, à sua boa vontade e sua orientação, mas não pretendia seguir seus conselhos. Pensou, energicamente, que tinha o direito de escolher: era uma sacerdotisa, e qualquer coisa que fizesse devia ser baseada em seu julgamento próprio.

al Sabia o que devia ser feito, e o mais rapidamente possível; mas não poderia ser durante os três dias da coroação de Artur, pois não tinha acesso às raízes e ervas que poderia encontrar em Avalon, e além disso, não ousaria ficar doente, agora. Sentiu-se encolher ante a violência e a náusea que isso representava, e não obstante, sentiu-se necessário que se fizesse, e sem tardança, ou em meados do inverno, teria um filho de

Não, não! Oh Mãe Ceridwen, abençoada Deusa, não... Nossa mãe morreu assim. Viviane tinha tanta certeza de que passara da idade de ter filhos... e agora ela vai morrer; ela não pode ter um filho com essa idade e viver... Por que, então, ao saber que havia concebido, não tomou alguma poção que a livrasse da criança? Isso é o naufrágio de todos os seus planos, é o fim...

No decorrer da pesquisa, me deparei também com o artigo de Rosângela Angelin, intitulado A "Caça às Bruxas": uma interpretação feminista. O conteúdo me contempla de tal forma que faço questão de anexar o artigo na íntegra, facilitando o acesso a essa leitura.



Em seu texto, Angelin (2005) trata do período da Idade Média em que a Igreja Católica fundou os Tribunais da Inquisição: dedicados a julgar e eliminar episódios de heresia. Ativos por mais da metade de um milênio, promoveram perseguição, tortura e assassinato de milhões de pessoas. A definição de "herege" foi construída¹⁵ e utilizada de acordo com os interesses da Igreja e daqueles que a representavam. Servia para condenar todo e qualquer ato ou pessoa que ameaçasse a proliferação (conquista de território e poder) do Cristianismo. Assim, é possível imaginar como tantas mulheres – como parteiras, enfermeiras, curandeiras, conhecedoras das plantas, da medicina natural e fitoterápica, detentoras dos poderes sexuais e da geração da vida, etc – foram tidas como ameaça ao progresso dos homens – especialmente se organizadas em grupos. A caça às bruxas foi, então, instaurada.

¹⁵ Segundo Angelin, "as bruxas não surgiram espontaneamente, mas foram fruto de uma campanha de terror realizada pela classe dominante".

Infelizmente, não é novidade que a religião foi e é utilizada como forte recurso para promover, justificar e perpetuar comportamentos sexistas e misóginos¹⁶ dos mais variados níveis de violência. As ideias propagadas pela doutrina cristã, representada fortemente pela figura masculina¹⁷, procuram até hoje manter sob manipulação e rédeas curtas as vivências das mulheres na sociedade em que vivemos. Quando se diz que a mulher deve ser **submissa** ao homem (justificativa: porque deus quis), sujeitando-a a vivências mais limitadas e dolorosas simplesmente em função do gênero, ultrapassa-se qualquer barreira de liberdade religiosa ou de expressão. Pelo contrário: entramos, aqui, no território do discurso de ódio¹⁸.

Angelin monta, então, um paralelo entre a caça às bruxas na inquisição e a *Retomada* da figura da bruxa, nos dias de hoje, como símbolo da resistência feminina.

¹⁶ Misoginia é o termo que define o ódio às mulheres e meninas. Pode se manifestar de diversas formas: discriminação, violência (verbal, física, psicológica, sexual), objetificação, etc.

¹⁷ As figuras divinas são masculinizadas: Pai, Filho, Espírito Santo, Deus, Criador, Jesus, etc. O Homem, criado à sua imagem e semelhança. A Mulher, um mero pedaço da costela de Adão, criada então para servir ao Homem. Ademais, também de acordo com a doutrina cristã, o gênero feminino é mais vulnerável ao pecado (aquela história da maçã e da serpente).

¹⁸ O discurso de ódio é caracterizado por qualquer comportamento que incite violência ou ação discriminatória contra um grupo de pessoas, inferiorizando-as com base em características como raça, gênero, etnia, origem, religião, orientação sexual, etc. Na nossa organização judicial, existe a norma que defende a liberdade de expressão como direito fundamental e existe a norma que penaliza a discriminação. Em uma situação de discurso de ódio, há conflito entre o princípio da liberdade de expressão e o princípio da não-discriminação. Silveira (2007) sugere que a solução seja pautada na harmonização dos "princípios da autonomia individual, da igualdade, da dignidade da pessoa humana, da reciprocidade, e respeito a integridade do direito, considerando os precedentes judiciais e as circunstâncias envolvidas". Importante pontuar, no entanto, que nossas atuais estruturas da justiça são regidas por figuras em posição de privilégio, gerando relações de poder que muitas vezes resultam em abuso. Não é difícil observar, por exemplo, que as instituições da lei são compostas majoritariamente por homens brancos, em detrimento da participação de pessoas de outras etnias, raças ou gêneros. E que estes mesmos homens brancos estão muitas vezes completamente alheios às demandas dos grupos "minoritários" aos quais não pertencem. Essas demandas acabam por ser, em grande parte, ignoradas ou até mesmo ridicularizadas.

- A "caça às bruxas": uma interpretação feminista -

- Por Rosângela Angelin -

A "caça às bruxas" é um elemento histórico da Idade Média. Entre os séculos XV e XVI o "teocentrismo" – Deus como o centro de tudo – decaiu dando lugar ao "antropocentrismo", onde o ser humano passa a ocupar o centro. Assim, a arte, a ciência e a filosofia desvincularam-se cada vez mais da teologia cristã, conduzindo, com isso a uma instabilidade e descentralização do poder da Igreja. Como uma forma de reconquistar o centro das atenções e o poder perdido, a Igreja Católica instaurou os "Tribunais da Inquisição", efetivando-se assim a "caça às bruxas". Mas quem eram, enfim, estas mulheres que fizeram parte de um capítulo tão horrendo da história da humanidade, e por que o feminismo retoma as bruxas como um dos seus principais símbolos?

1. A "caça às bruxas"

A "caça às bruxas" durou mais de quatro séculos e ocorreu, principalmente, na Europa, iniciando-se, de fato, em 1450 e tendo seu fim somente por volta de 1750, com a ascensão do Iluminismo. A "caça às bruxas" admitiu diferentes formas, dependendo das regiões em que ocorreu, porém, não perdeu sua característica principal: uma massiva campanha judicial realizada pela Igreja e pela classe dominante contra as mulheres da população rural (EHRENREICH & ENGLISH, 1984: 10). Essa campanha foi assumida, tanto pela Igreja Católica, como a Protestante e até pelo próprio Estado, tendo um significado religioso, político e sexual. Estima-se que aproximadamente 9 milhões de pessoas foram acusadas, julgadas e mortas neste período, onde mais de 80% eram mulheres, incluindo crianças e moças que haviam "herdado este mal" (MENSCHIK, 1977: 132).

1.1. Quem eram as bruxas

Ao buscarmos uma definição do termo "bruxa" em dicionários, logo pode-se perceber a direta vinculação com uma figura maléfica, feia e perigosa. Neste sentido, também os livros infanto-juvenis costumam descrever histórias onde existe uma fada boa e linda e uma bruxa má e horrível.¹

Ao analisarmos o contexto histórico da Idade Média, vemos que bruxas eram as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social. Estas mulheres eram, muitas vezes, a única possibilidade

de atendimento médico para mulheres e pessoas pobres. Elas foram por um longo período médicas sem título. Aprendiam o ofício umas com as outras e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas.

Segundo afirmam EHERENREICH & ENGLISH (1984, S. 13), as bruxas não surgiram espontaneamente, mas foram fruto de uma campanha de terror realizada pela classe dominante. Poucas dessas mulheres realmente pertenciam à bruxaria, porém, criou-se uma histeria generalizada na população, de forma que muitas das mulheres acusadas passavam a acreditar que eram mesmo bruxas e que possuíam um "pacto com o demônio".

O estereótipo das bruxas era caracterizado, principalmente, por mulheres de aparência desagradável ou com alguma deficiência física, idosas, mentalmente perturbadas, mas também por mulheres bonitas que haviam ferido o ego de poderosos ou que despertavam desejos em padres celibatários ou homens casados.

1.2. A "caça às bruxas e o "Tribunal da Inquisição"

Com a ascensão da Igreja Católica, o patriarcado imperou, até mesmo porque Jesus era um homem. Neste contexto, tudo o que a mulher tentava realizar, por conta própria, era visto como uma imoralidade (ALAMBERT, Ano II: 7). Os costumes pagãos que adoravam deuses e deusas, passaram a ser considerados uma ameaça. Em 1233, o papa Gregório IX instituiu o Tribunal Católico Romano, conhecido como "Inquisição" ou "Tribunal do Santo Ofício", que tinha o objetivo de terminar com a heresia e com os que não praticavam o catolicismo. Em 1320 a Igreja declarou oficialmente que a bruxaria e a antiga religião dos pagãos representavam uma ameaça ao cristianismo, iniciando-se assim, lentamente, a perseguição aos hereges.

A "caça às bruxas" coincidiu com grandes mudanças sociais em curso na Europa. A nova conjuntura gerou instabilidade e descentralização no poder da Igreja. Além disso, a Europa foi assolada neste período por muitas guerras, cruzadas, pragas e revoltas camponesas, e se buscava culpados para tudo isso. Sendo assim, não foi difícil para a Igreja encontrar motivos para a perseguição das bruxas.

Para reconquistar o centro das atenções e o poder, a Igreja Católica efetivou a conhecida "caça às bruxas". Com o apoio do Estado, criou tribunais, os chamados "Tribunais da Inquisição" ou "Tribunais do Santo Ofício", os quais perseguiram, julgavam e condenavam todas as pessoas que representavam algum tipo de ameaça às doutrinas cristãs. As penas variavam entre a prisão temporária até a morte na fogueira. Em 1484 foi publicado pela Igreja Católica o chamado "*Malleus Maleficarum*", mais conhecido como "*Martelo das Bruxas*". Este livro continha uma lista de requerimentos e indícios para se condenar uma bruxa. Em uma de suas passagens, afirmava claramente, que as mulheres deveriam ser mais visadas neste processo, pois estas seriam,

¹ A figura da bruxa como uma mulher, velha, feia, rabugenta e assustadora, foi introduzida a partir dos contos e histórias dos Irmãos Grimm (escritores alemães).

"naturalmente", mais propensas às feitiçarias (MENSCHIK, 1977: 132 e EHRENREICH & ENGLISH, 1984: 13).

1. 3. Os "crimes" praticados pelas bruxas

No contexto da "caça às bruxas" haviam várias acusações contra as mulheres. As vítimas eram acusadas de praticar crimes sexuais contra os homens, tendo firmado um "pacto como demônio". Também eram culpadas por se organizarem em grupos – geralmente reuniam-se para trocar conhecimentos acerca de ervas medicinais, conversar sobre problemas comuns ou notícias. Outra acusação levantada contra elas, era de que possuíam "poderes mágicos", os quais provocavam problemas de saúde na população, problemas espirituais e catástrofes naturais (EHRENREICH & ENGLISH, 1984: 15).

Além disso, o fato dessas mulheres usarem seus conhecimentos para a cura de doenças e epidemias ocorridas em seus povoados, acabou despertando a ira da Instituição médica masculina em ascensão, que viu na Inquisição um bom método de eliminar as suas concorrentes econômicas, aliando-se a ela.

1.4. Perseguição e condenação à fogueira

Qualquer pessoa podia ser denunciada ao "Tribunal da Inquisição". Os suspeitos, em sua grande maioria mulheres, eram presos e considerados culpados até provarem sua inocência. Geralmente, não podiam ser mortos antes de confessarem sua ligação com o demônio. Na busca de provas de culpabilidade ou a confissão do crime, eram utilizados procedimentos de tortura como: raspar os pêlos de todo o corpo em busca de marcas do diabo, que podiam ser verrugas ou sardas; perfuração da língua; imersão em água quente; tortura em rodas; perfuração do corpo da vítima com agulhas, na busca de uma parte indolor do corpo, parte esta que teria sido "tocada pelo diabo"; surras violentas; estupros com objetos cortantes; decapitação dos seios. A intenção era torturar as vítimas até que assinassem confissões preparadas pelos inquisidores. Geralmente, quem sustentava sua inocência, acabava sendo queimada viva. Já as que confessavam, tinham uma morte mais misericordiosa: eram estranguladas antes de serem queimadas. Em alguns países, como Alemanha e França, eram usadas madeiras verdes nas fogueiras para prorrogar o sofrimento das vítimas. E, na Itália e Espanha, as bruxas eram sempre queimadas vivas. Os postos de caçadores de bruxas e informantes eram financeiramente muito rentáveis. Estes, eram pagos pelo Tribunal por condenação ocorrida e os bens dos condenados eram todos confiscados.

O fim da "caça às bruxas" ocorreu somente no século XVIII, sendo que a última fogueira foi acesa em 1782, na Suíça. Porém, a Lei da Igreja Católica que fundou os "Tribunais da Inquisição", permaneceu em vigor até meados do

século XX. A "caça às bruxas" foi, sem dúvida, um processo bem organizado, financiado e realizado conjuntamente pela Igreja e o Estado.²

2. O feminismo e o resgate da imagem das bruxas

Diante de tantas mortes de mulheres acusadas por bruxaria durante este período, podemos afirmar que o ocorrido se tratou de um verdadeiro genocídio contra o sexo feminino, com a finalidade de manter o poder da Igreja e punir as mulheres que ousavam manifestar seus conhecimentos médicos, políticos ou religiosos. Existem registros de que, em algumas regiões da Europa a bruxaria era compreendida como uma revolta de camponeses conduzida pelas mulheres (EHRENREICH & ENGLISH, 1984: 12). Nesse contexto político, pode-se citar a camponesa Joana D'arc, que aos 17 anos, em 1429, comandou o exército francês, lutando contra a ocupação inglesa. Esta acabou sendo julgada como feiticeira e herege pela Inquisição e queimada na fogueira antes de completar 20 anos. Diante disso, configurava-se a clara intenção da classe dominante em conter um avanço da atuação destas mulheres e em acabar com seu poder na sociedade, a tal ponto que se utilizava meios de simplesmente exterminá-las.

O feminismo busca resgatar a verdadeira imagem das bruxas em nossa história, analisando não somente os aspectos religiosos, mas também políticos e sociais que envolveram a "caça às bruxas" na Idade Média. No olhar feminista, as bruxas, através de seus conhecimentos medicinais e sua atuação em suas comunidades, exerciam um contra-poder, afrontando o patriarcado e, principalmente, o poder da Igreja. Em verdade, elas nada mais foram do que vítimas do patriarcado (ALAMBERT, Ano II, nº 48: 7). Atualmente, as mulheres ainda continuam sendo discriminadas e duramente criticadas por lutarem pela igualdade de gênero e a divisão do poder social e econômico, que ainda é predominantemente masculino, continuando vítimas do patriarcado. Por isto, as bruxas representam para o movimento feminista não somente resistência, força, coragem, mas também a rebeldia na busca de novos horizontes emancipadores.

Referências Bibliográficas

ALAMBERT, Zuleika. Por uma nova imagem. Educação & Cultura – Diário Comercial, Ano II, nº 48.

EHRENREICH, Barbara & ENGLISH, Deirdre. Hexen, Hebammen und Krankenschwestern. 11. Auflage. München: Frauenoffensive, 1984.

MENSCHIK, Jutta. Feminismus, Geschichte, Theorie und Praxis. Köln: Verlag Pahl-Rugenstein, 1977.

² A posição da Igreja é contraditória referente ao tema "caça às bruxas". Existem documentos nos quais a Igreja pronunciava-se contra a tortura e assassinato destas vítimas, conduzidos pelas oligarquias locais.

Nesse ponto, gostaria de trazer também a letra da música *Mulher Segundo Meu Pai*, a fim de fazer algumas observações que nos servirão na associação de ideias. Faixa inicial do disco "Sou suspeita, estou sujeita e não sou santa"¹⁹, de Anelis (2011), é agradável de se ouvir, a poesia é bonita. No entanto, apesar da mensagem aparentemente valorizar a mulher, ela traz uma ironia interessante de se observar.

A música carrega o patriarcado já desde o título: segundo meu pai. Não é a opinião da própria mulher sobre si mesma, não é a opinião da mãe, da irmã ou da filha. É a opinião de um homem. E no segundo verso, ele admite: homem não sabe²⁰. Acha que mulher é o que deus quiser (o mesmo deus que me quer submissa? jamais!). É tanto mistério que ele se confunde, se perde: pensa que sangrar é mera *mania*. E para justificar, imagina que mulher deve ter parte com o mar. Ou seria com o demônio?

Mulher Segundo Meu Pai - DonaZica

Bem que meu pai me avisou
Homem não sabe... Mulher
Falou o que falou seu pai, meu avô:
- Mulher é o que deus quiser

Às vezes quer uma flor
Às vezes, só cafuné
Precisa de muito amor, haja amor
Pra sempre carinho quer

Segundo meu pai, mulher
Costuma muito chorar
Suspira pelo que quer, a mulher
Mania tem de sangrar

Entrega-se na colher
A quem não vai se entregar
Meu pai falou que mulher, a mulher
Deve ter parte com o mar

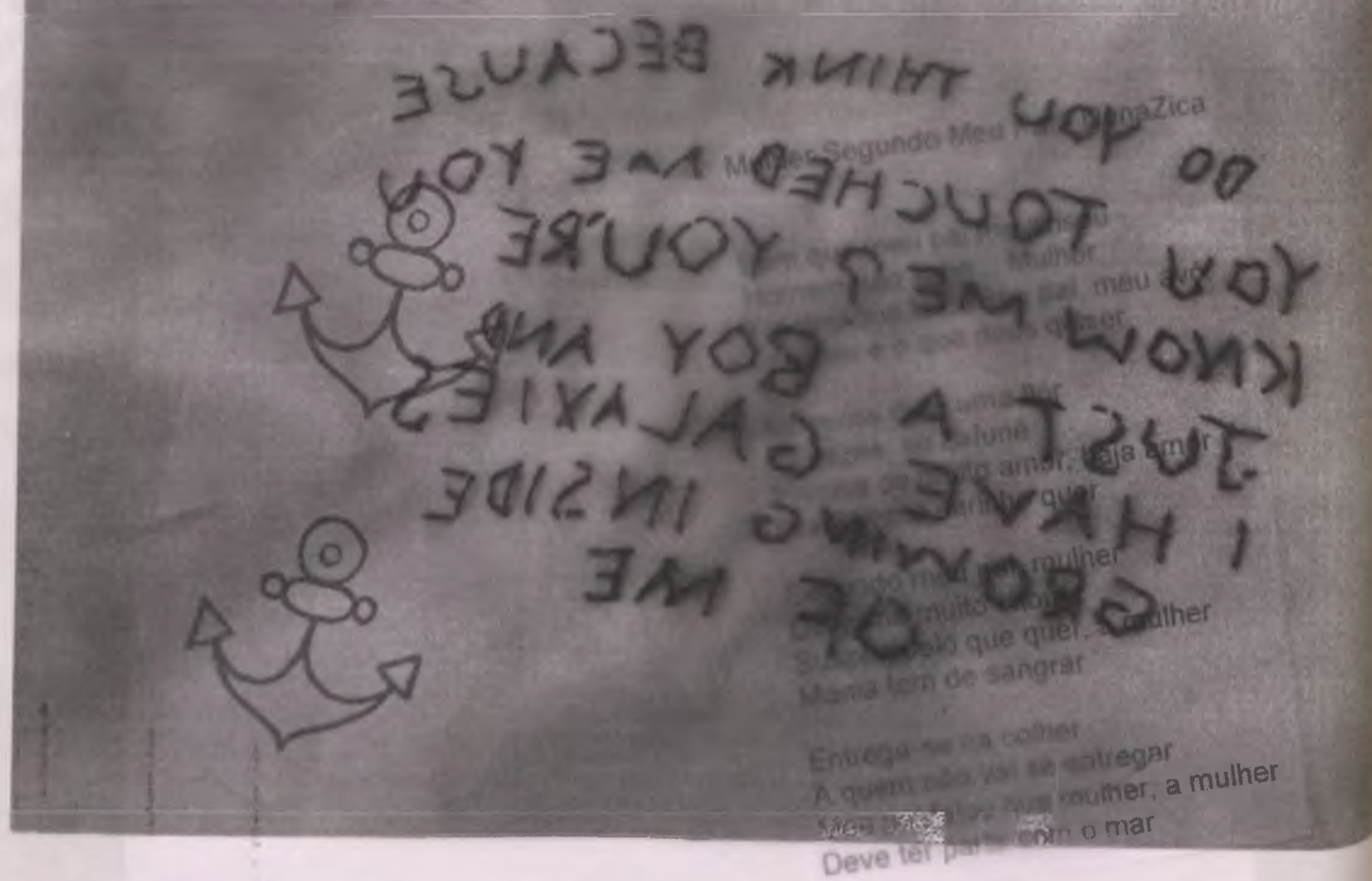
¹⁹ Disponível para ouvir no link
<<http://scubidu.bandcamp.com/album/sou-suspeita-estou-sujeita-n-o-sou-santa>>

²⁰ "You think that just because you touched me you know my soul? You're just a boy and I have galaxies growing inside me" [Você acha que só porque me tocou você conhece minha alma? Você é só um garoto, e eu tenho galáxias crescendo dentro de mim], *Memories of October*, composição da inglesa Eliza, disponível online pelo link
<<https://soundcloud.com/armstrongand/memories-of-october>>

DO YOU THINK BECAUSE
YOU TOUCHED ME YOU
KNOW ME? YOU'RE
JUST A BOY AND
I HAVE GALAXIES
GROWING INSIDE
OF ME

Nesse ponto, gostaria de trazer também a letra da música *Mulher Segundo Meu Pai*, a fim de fazer algumas observações que nos servirão na associação de ideias. Faixa inicial do disco “Sou suspeita, estou sujeita e não sou santa”¹⁹, de Anelis (2011), é agradável de se ouvir, a poesia é bonita. No entanto, apesar da mensagem aparentemente valorizar a mulher, ela traz uma ironia interessante de se observar.

A música carrega o patriarcado já desde o título: segundo meu pai. Não é a opinião da própria mulher sobre si mesma, não é a opinião da mãe, da irmã ou da filha. É a opinião de um homem. E no segundo verso, ele admite: homem não sabe²⁰. Acha que mulher é o que deus quiser [o mesmo deus que me quer submissa? jamais]. É tanto mistério que ele se confunde, se perde: pensa que sangrar é mera mania. E para justificar, imagina que mulher deve ter parte com o mar. Ou seria com o demônio?



¹⁹ Disponível para ouvir no link
<<http://scubidu.bandcamp.com/album/sou-suspeita-estou-sujeta-n-o-sou-santa>>

²⁰ “You think that just because you touched me you know my soul? You’re just a boy and I have galaxies growing inside me” [Você acha que só porque me tocou você conhece minha alma? Você é só um garoto, e eu tenho galáxias crescendo dentro de mim], Memories of October, composição da inglesa Eliza, disponível online pelo link
<<https://soundcloud.com/armstrongand/memories-of-october>>

Retomada: Parte I - Permanecente -



Minha primeira referência para essa obra é o livro da literatura
O Homem Ilustrado de Ray Carbury, um livro sobre as histórias que
aconteceram nas ilustrações pernambucanas. No prólogo e no Epílogo
Na Introdução, ele encontra um homem sobre a história: em um período
desconhecido, ele encontra um homem sobre a história: em um período
corpo situado em uma de suas histórias. A história, a história, a história
ocorreu no corpo dele, no universo - coisas que aconteceram, coisas que vão
acontecer, ilustrações que se movem e contam histórias.

Apropriei-me dessa literatura como poética para o trabalho. Entretanto, ao
invés de tratar do universo coletivo, preferi me focar no universo particular das
pessoas: suas lembranças, sonhos, experiências, construções, associações.

Mais do que investigar o interior de pessoas, gostaria de investigar as
mulheres. Escolhi, então, cinco amigas como convidadas para a correalização do
meu trabalho. Pedi que apresentem e reconhecessem algo do profundo delas, de
suas experiências pessoais de vida sem restrição de tema. E, então, que
apresentassem a ideia em um ou mais elementos, fornecendo material poético para
a criação de um desenho para tatuagem. Pedi também que escolhessem a parte
do corpo relacionada ao desenho e também um codinome para elas mesmas.

Retomada: Parte I
- Permanecente -



Minha primeira referência teórica para essa obra é também da literatura ficcional: *O Homem Ilustrado*, de Ray Bradbury. É um livro sobre as histórias que acontecem nas ilustrações permanentemente presentes no corpo desse homem. No *Prólogo* e no *Epílogo*, fala-se sobre sua história: em um período desempregado, ele encontrou um anúncio que procurava alguém disposto a ter o corpo tatuado em troca de dinheiro. A tatuadora, no entanto, era uma feiticeira, e ilustrou no corpo dele todo o universo – coisas que já aconteceram, coisas que vão acontecer, ilustrações que se movem e contam histórias.

Apropriei-me dessa literatura como poética para o trabalho. Entretanto, ao invés de tratar do universo coletivo, preferi me focar no universo particular das pessoas: suas lembranças, sonhos, experiências, construções, associações.

Mais do que investigar o íntimo de pessoas, gostaria de investigar as mulheres. Escolhi, então, cinco amigas como convidadas para a correalização do meu trabalho. Pedi que pensassem e escolhessem algo do profundo delas, de suas experiências pessoais de vida, sem restrição de tema. E, então, que sintetizassem a ideia em um ou mais elementos, fornecendo material poético para a criação de um desenho para tatuagem. Pedi também que escolhessem a parte do corpo relacionada ao desenho e também um codinome para elas mesmas.

Olívia Rocha Leão é *Sílfide*. Ela escolheu uma flor e asas de inseto, a serem localizadas nas costas, um pouco acima da linha da cintura, "que é onde ficam as asas de uma Sílfide", disse. É a fada personagem da história do espetáculo de balé apresentado em 1832, na Ópera de Paris, cujo nome original é "La sylphide".



Manuela Abdala é *Cajuína*. Ela me contou das lembranças de pequenas viagens à chácara da família, em que tinha muito contato com a terra e as plantas. Na casa, havia mosaicos compostos por azulejos diferentes e aleatórios. Escolheu a região do tornozelo e da lateral da canela para o desenho.

Lorrayne Colares é *Bailarina*. Quando mais nova, fraturou o joelho e desde então não pôde tanto em suas pernas: tem medo de cair de novo. Escolheu o gato para representar a confiança no corpo e a capacidade de se mover. Ela também escolheu então, para representar o joelho e a perna.



Olívia Rocha Leão é *Sílfide*. Ela escolheu uma flor e asas de inseto, a serem localizadas nas costas, um pouco acima da linha da cintura, "que é onde ficam as asas de uma Sílfide", disse. É a fada personagem da história do espetáculo de balé apresentado em 1832, na Ópera de Paris, cujo nome original é "La sylphide".



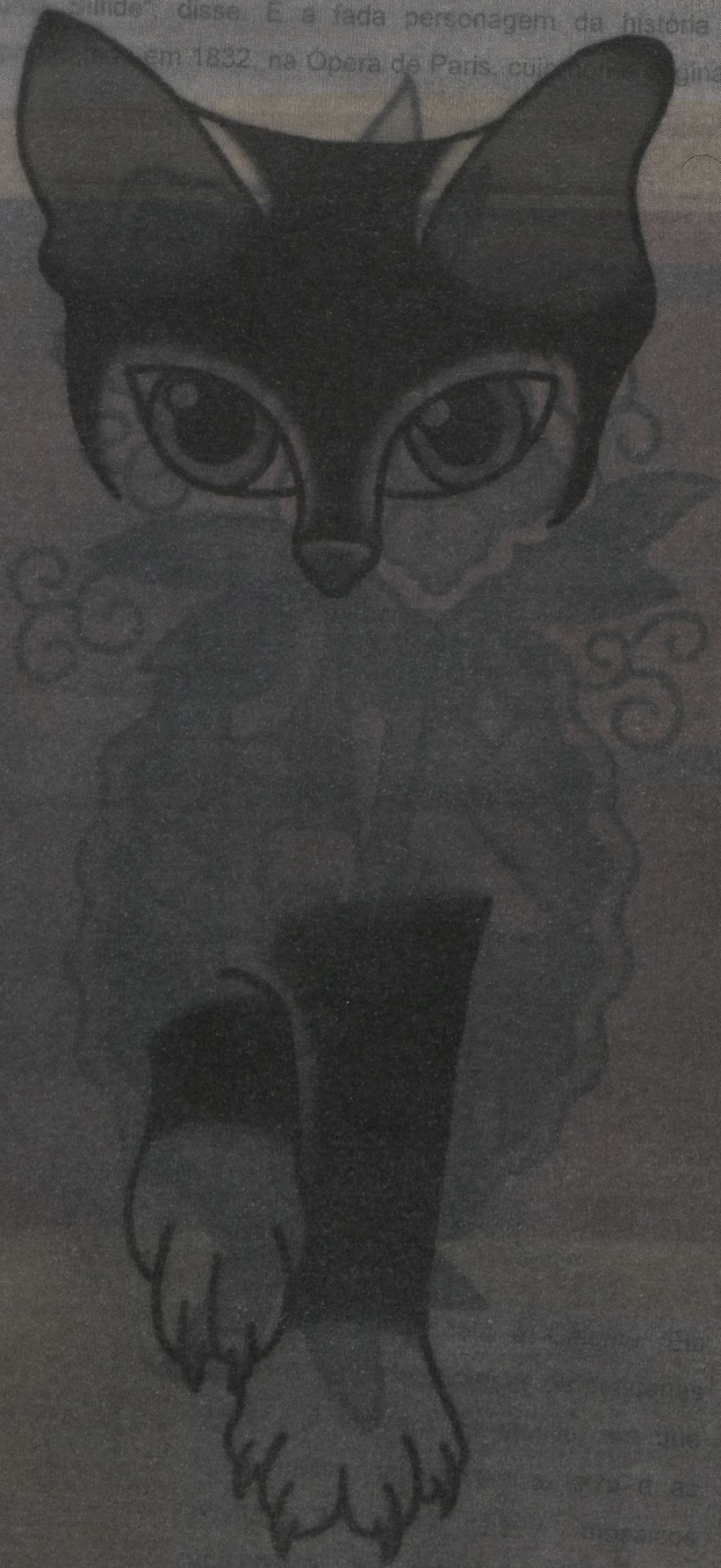
Mariana Abdala é *Cojuína*. Ela contou com lembranças de pequenas viagens a casa da família, em que tinha muito contato com a terra e as plantas. Na casa, havia mosaicos compostos por azulejos diferentes e aleatórios. Escolheu a região do tornozelo e da lateral da canela para o desenho.

Lorrayne Colares é *Bailarina*. Quando mais nova, fraturou o joelho e, desde então, não confia tanto em suas pernas: tem medo de cair de novo. Escolheu o gato para representar a confiança no andar, a habilidade

se mover e de cair em pé. Então, para o desenho do joelho, ela e abanhou a perna.



Olivia Rocha Leão é *Sílfide*. Ela escolheu uma flor e asas de inseto, a serem localizadas nas costas, um pouco acima da linha da cintura, "que é onde ficam as asas de uma Sílfide", disse. É a fada personagem da história do espetáculo de Ballet em 1832, na Ópera de Paris, cujo nome original é "La sylphide".



tornozelo e da lateral da canela para o desenho.

Lorrayne Colares é *Bailarina*.

Quando mais nova, fraturou o joelho e, desde então, não confia tanto em suas pernas: tem medo de cair de novo. Escolheu o gato para representar a força e a confiança no andar, a habilidade de

se mover e de cair em pé. Fiz o desenho, então, para ser tatuado na parte de trás do joelho: acima e abaixo da dobra da perna.



Danna Lua é Dual Anna. Ela escolheu a corsa como um animal de proteção, uma visão do interior. Escolheu um pentáculo protetor e inspirador, regido por Marte (pelas armas), representando um amuleto. E uma coroa de brinquedo, simbolizando a infância, as entranhas e as relações. Isso tudo localizado na lateral do tronco: como um lugar de fonte, de começo, relacionado também ao tronco das árvores. Abdicar do poder visual da galhada característica da corsa foi uma escolha: pois optei, é claro, por representar a corsa fêmea.



Francis Espíndola é Fanfarrão Saturno. Ela me pediu um olho meio-animal e meio-humano, na forma de um monumento de pedra em ruínas. Ao redor, natureza crescendo. Escolheu a corsa do corpo, na cintura, como concentração emocional, entre família, política da ancestralidade e criatividade e também suporte para o universo da vida e da morte emocional.



Essa também na rede, disponível no link
<http://atelienseumuseu.tumblr.com/>

Danna Lua é Dual Anna. Ela escolheu a corsa como um animal de proteção, uma visão do interior. Escolheu um pentáculo protetor e inspirador, regido por Marte (pelas armas), representando um amuleto. É uma coroa de brinquedo, simbolizando a conexão as entranhas e as relações. Foi tudo localizado na lateral do corpo como um lugar de fonte, de conexão, relacionado também ao tronco das árvores, simbolizando o poder visual da galhada, característica da corsa. Foi uma escolha pois optei por representar a corsa com a



Francis Espíndola é Fanfarrão Saturnio. Ela me pediu um olho meio-animal e meio-humano, na forma de um monumento de pedra em ruínas. Ao redor, natureza crescendo. Escolheu a lateral do corpo, na cintura, como concentração emocional, antro feminino, potência de sexualidade e criatividade, e também suporte para o umbigo, onde fica toda a carga emocional.



Escolhemos os figurinos para o performance de forma bem intuitiva. Um dos trajes, disponibilizei na internet caso ela quisesse usar em uma exposição ou pelo free - mas não foi necessária. As maquiagens foram realizadas por ela.

Em recente, junto aos demais trabalhos, referentes da disciplina. A arte foi integrada a exposição do MUSEU de Arte e Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2013. Nossa participação se deu por meio de uma intervenção na curadoria oficial que consistia originalmente no acervo do Museu, acervo do MAB (Museu de Arte de Brasília) e artistas convidadas.

Essa trajetória foi documentada também na rede, disponível por meio do link

<<http://atelienseumuseu.tumblr.com/>>.

Danna Lua é Dual Anna. Ela escolheu a corça como um animal de proteção, uma visão de interior. Escolheu um pentáculo protetor e inspirador, regido por Marte (pelos armazéns) representando um amuleto. É uma corça de brinquedo, simbolizando a infância, localizada no interior, um lugar de proteção, também do tronco do corpo visual da corça, foi feita a corça por zica.



Francis Espíndola é *Fanfarrão Satúrnio*. Ela me pediu um olho meio-animal e meio-humano, na forma de um monumento de pedra em ruínas. Ao redor, natureza crescendo. Escolheu a lateral do corpo, na cintura, como concentração emocional, antro feminino, potência de sexualidade e criatividade, e também suporte para o umbigo, onde fica toda a carga emocional.

As obras foram produzidas em nanquim e aquarela sobre papel, posteriormente envernizadas e emolduradas. O políptico conta também com uma performance na qual tatuei ao vivo a primeira sessão do desenho da Sílfide. A tatuagem foi, posteriormente, finalizada em estúdio.

Na performance, forma-se uma atmosfera ritualística: a bruxa, com capa, capuz e máscara, tatuando a donzela, em roupas íntimas e coroa de flores. Iniciamos a performance vestindo preto, simbolizando a vertente marginal do feminino, as mulheres invisibilizadas pelo sistema patriarcal.

Olivia e eu escolhemos os figurinos para a performance de forma bem instintiva. Além dos trajes, disponibilizei uma manta preta caso ela quisesse se cobrir – pela exposição ou pelo frio –, mas não foi necessária. As maquiagens foram realizadas por ela.



Permanecente, junto aos

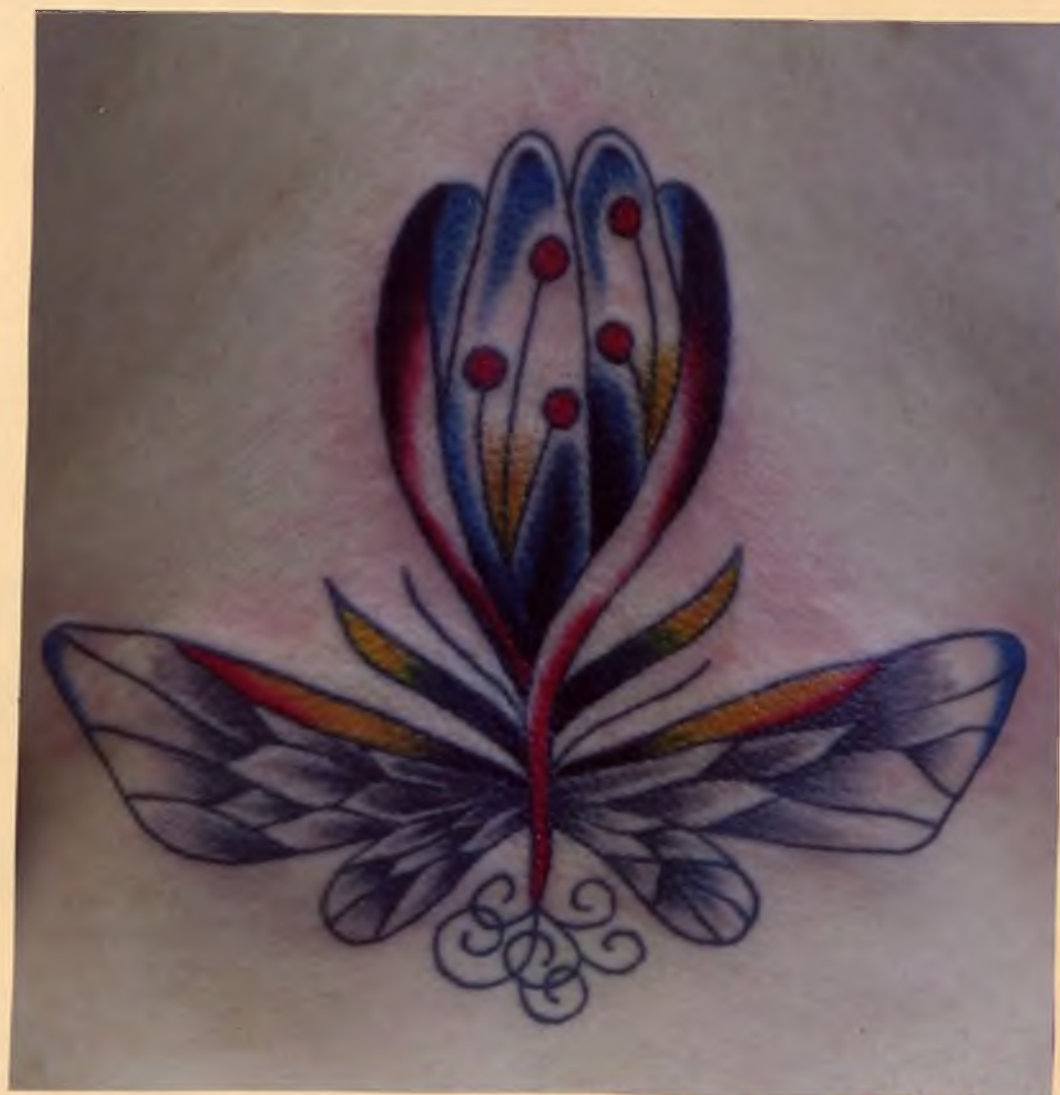
demais trabalhos resultantes da disciplina Ateliê 1, integrou a exposição SEUmUSEU Expoexperimento, em 2013, no Museu Nacional da República. Nossa participação se deu por meio de uma intervenção na curadoria oficial, que consistia originalmente no acervo do Museu, acervo do MAB (Museu de Arte de Brasília) e artistas convidadas.

Essa trajetória foi documentada também na rede, disponível por meio do link

<<http://atelienseumuseu.tumblr.com/>>.

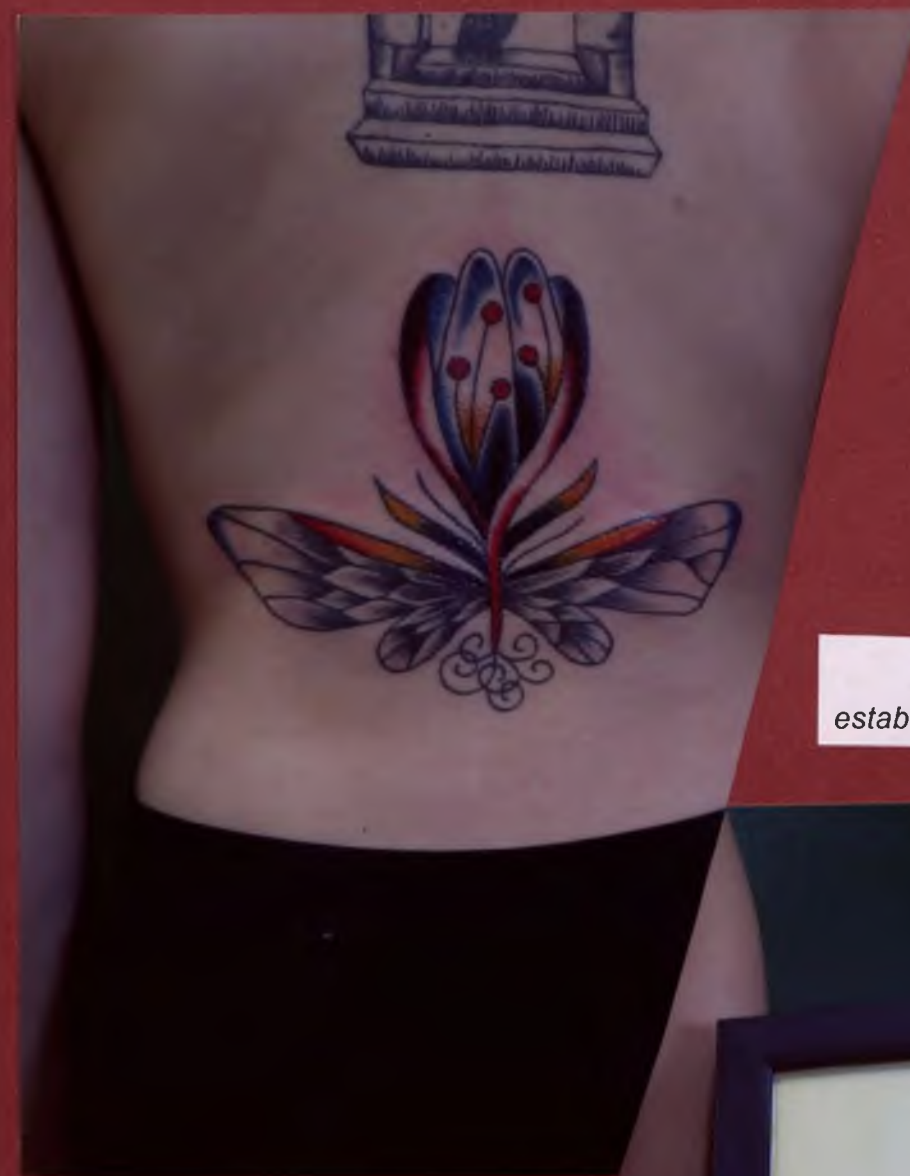
A obra *Permanecente* diz respeito à iniciação, representando a primeira fase da deusa: a donzela. Proponho, no entanto, uma interpretação com destaque à puberdade, que é uma das etapas mais marcantes na vida de uma pessoa, em especial as mulheres: que sangram.

Ponto essa característica a fim de não deixar brechas para o senso comum que associa a donzela à virgem²¹, e que sugere, dessa forma, que o grande marco na vida de uma mulher fosse o momento em ocorresse penetração sexual com um homem²².



²¹ "Entre o nosso povo, a virgindade não tem grande importância; uma mulher de fertilidade comprovada, o ventre cheio com um filho saudável, é a esposa mais desejável. Mas com os cristãos não é assim. Eles irão tratá-la como mulher vergonhosa [caso engravide antes de se casar], e o homem (...) a desposá-la fará com que sofra durante toda a sua vida pelo fato de não ser o pai da criança que você carrega." (Bradley, 2008, p. 88) Trecho referente à fala da sacerdotisa de um reino matriarcal.

²² Como se o mundo girasse em torno do seu falo, amigão.



Assim, em *Permanecente*, se estabelece o laço.



Retomada: Parte II

- SGRDO FEMNNO -

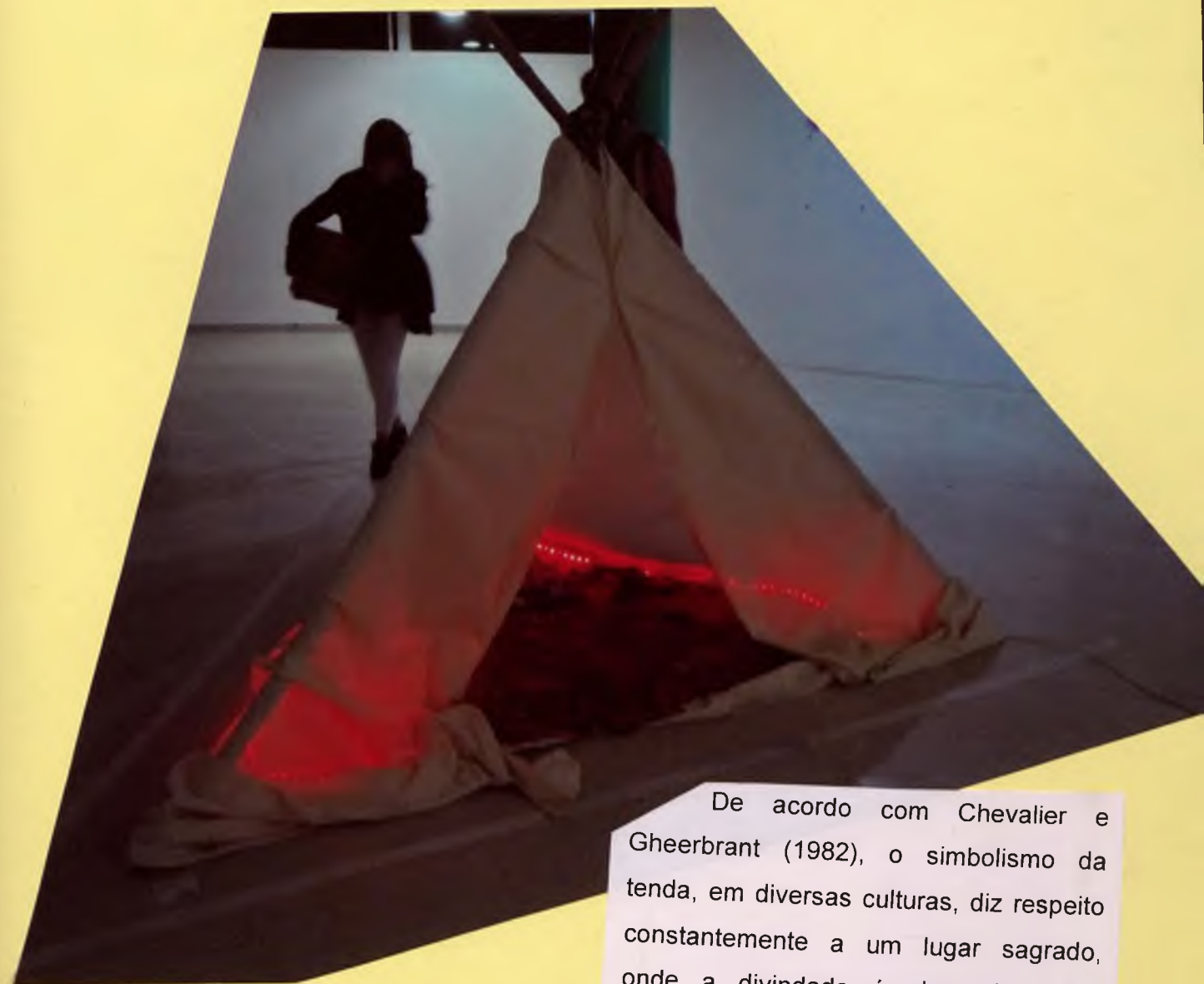
A obra é composta por uma instalação, uma performance e uma videoarte. O título, com algumas vogais suprimidas, brinca com a possibilidade de dupla interpretação. Essa segunda parte da Retomada se refere à mãe – mas não necessariamente a figura que gera e dá a luz. De novo, gostaria de fugir do senso comum, dessa vez a fim de evitar o peso da obrigação da maternidade²³. Proponho a ideia da mãe como figura que acolhe e cuida, com aconchego e segurança.

Em SGRDO FEMNNO, se fortalece o laço.

Instalação

Montei, com bambus e algodão cru, um *tipi*. É um tipo de tenda em formato cônico, característico de tribos nômades das grandes planícies dos Estados Unidos e do Canadá. É durável, provém calor e conforto no inverno, frescor no verão, permanece seca durante fortes chuvas, pode ser desmontada e remontada rapidamente, se mostrando então uma opção portátil e prática para essas comunidades. Outra característica de sua estrutura é a possibilidade de se manter uma abertura no topo da tenda, por onde escapa a fumaça, permitindo o uso de fogueiras dentro dessas moradias.

²³ É um machismo velado muito comum: essa tendência generalizada a pensar que todas as mulheres desejam – ou pior: *devem* – gerar filhos, de forma a enxergar de maneira discriminatória aquelas que não querem ou não podem.



De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1982), o simbolismo da tenda, em diversas culturas, diz respeito constantemente a um lugar sagrado, onde a divindade é chamada a se manifestar. Representa a presença do céu sobre a terra, a proteção. A tenda, bem fixada ao solo, é um milagre de equilíbrio entre o fluxo de energia cósmico e as forças terrestres.

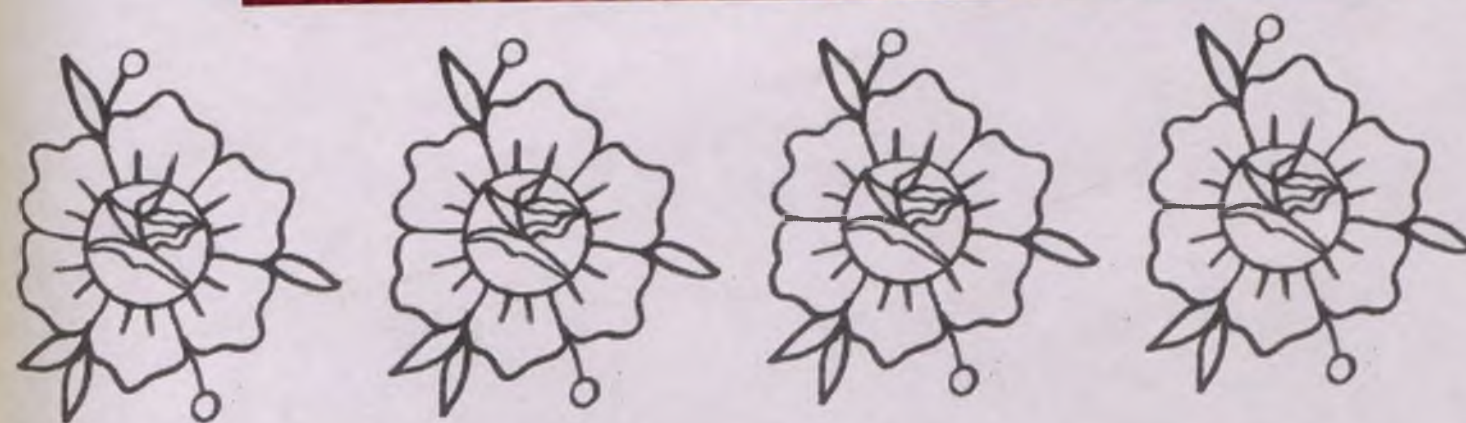
Para direcionar a atmosfera ritualística dentro da tenda, montei um altar e me utilizei do simbolismo dos quatro elementos. De acordo com cosmogonias²⁴ tradicionais, são: terra e água (aspecto feminino), ar e fogo (aspecto masculino). Posicionei também incenso e cristais, para harmonizar o ambiente e prover o fluxo energético.

²⁴ Em definição, são as diferentes teorias a respeito da origem do universo.

As conchas marinhas representam a água, cujos significados simbólicos se encaixam em três temas dominantes: fonte de vida, recurso de purificação e centro de regeneração. Os três temas se encontram das tradições antigas e formam combinações imaginárias das mais variadas. As águas, como massa indiferenciada, representam a infinidade de possibilidades. Na Ásia, é a forma substancial da manifestação, a origem da vida e o elemento de regeneração corporal e espiritual. É símbolo da fertilidade e da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. Flúida, sua tendência é a dissolução; mas, homogênea, ela é a coesão, a coagulação.



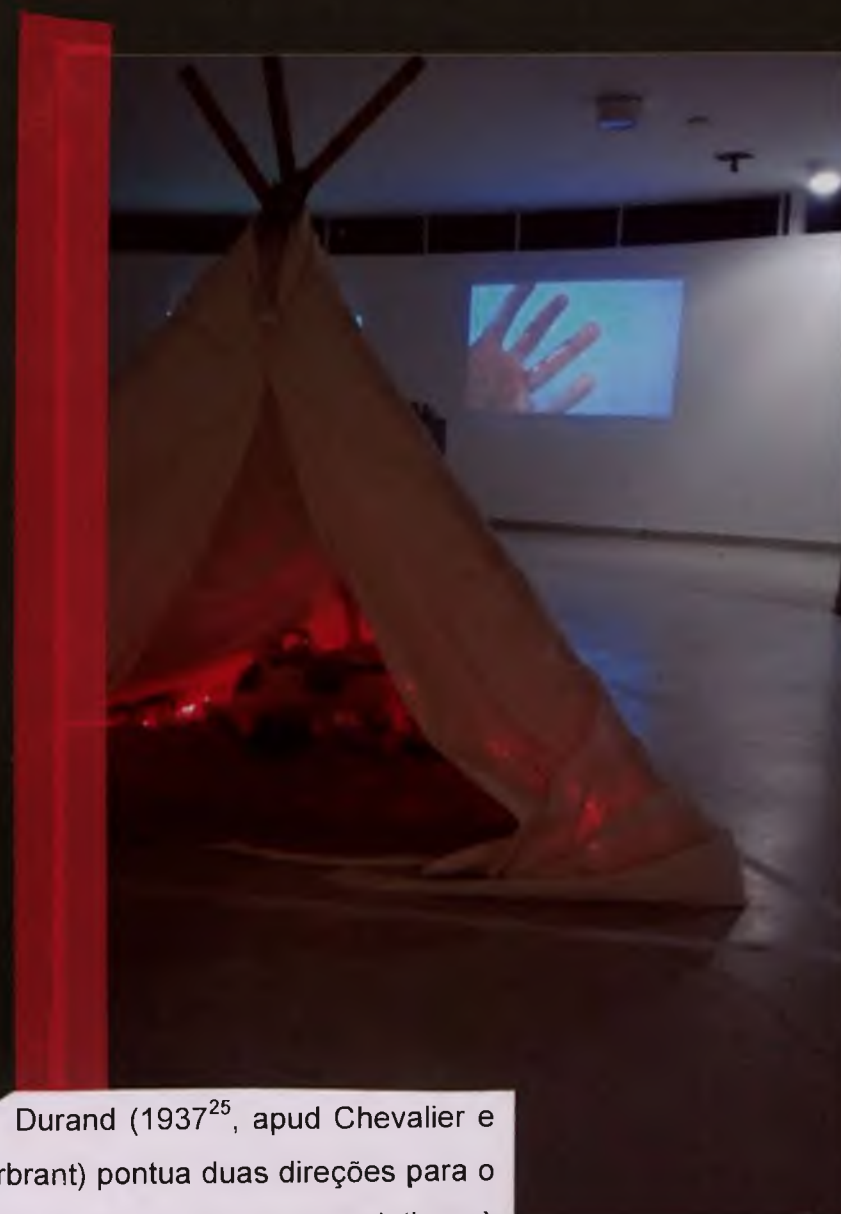
As flores e folhas representam terra, que se opõe ao céu como o obscuro o faz ao luminoso, o yin ao yang. Terra é densidade, fixação, condensação. É símbolo da função maternal, fecundidade e regeneração: a Mãe Terra, Pachamama, que dá e tira a vida.





Os origamis de tsuru representam o ar: o mundo sutil intermediário entre o céu e a terra. Na mitologia hindu, o representante desse elemento é Vāyu, o soffro vital, o sopro cósmico. O elemento ar diz respeito diretamente ao fluxo da respiração.

A iluminação vermelha dentro do tipi representa o fogo. Ritos de purificação (e passagem) com fogo são característicos das culturas agrárias, simbolizando os incêndios na vegetação dos campos, que depois cresce viva e verde. Outra referência reside na doutrina hindu, na qual Agni, Indra e Sûrya são os fogos dos mundos respectivamente terrestre, intermediário e celestial: o fogo original, o relâmpago e o sol.



Durand (1937²⁵, apud Chevalier e Gueerbrant) pontua duas direções para o simbolismo do fogo: uma relativa à purificação e iluminação; e outra que diz respeito ao fogo sexual.

²⁵ DURAND-LEFEBVRE, Marie. Art gallo-romain et sculpture romane, Paris, 1937.

Em Brumas de Avalon, os quatro elementos são mencionados como parte do ritual para acessar a Visão²⁶



Performance

Para a performance, optei por vestuário, cabelo e maquiagem que expressasse leveza, com predominância de cores claras, e acessórios ornamento-cerimoniais.

Posicionei-me em um dos cantos da entrada da tenda, indicando um espaço disponível para outra pessoa; a proposta é interativa, e exclusiva às mulheres. A tenda é um espaço seguro de energia feminina sagrada.

²⁶ "Agora estavam presentes os quatro elementos: o fogo da sua lâmpada; a água da fonte em que havia bebido; a terra, onde tinha os pés; e, ao invocar os poderes do ar, Viviane viu, como sempre ocorria, uma leve brisa arrepiar a superfície da água." (p.129)



Silenciei-me em relação ao meio externo à tenda. Com as mulheres que a adentravam, no entanto, interagi com tranquilidade, procurando fortalecer o sentimento aconchegante de estar ali. Falei sobre a tenda do sagrado feminino e sobre o nosso objetivo ritualístico de mexer energeticamente, com o auxílio dos quatro elementos, a fim de prover algum tipo de transformação positiva, de crescimento, de amadurecimento, de cura. Pedi, então, as mãos. De olhos fechados e respiração profunda, buscando um estado quase meditativo de acesso à intuição, procurei sentir qual dos quatro elementos direcionaria aquele processo para aquela mulher. Uma marca, então, será feita no local do corpo – visualizado também intuitivamente.



Para aplicar essa marca, me utilizei da técnica que executamos na tatuagem, que fixa temporariamente na pele, com um decalque, as marcações do desenho a ser tatuado em seguida. Trata-se de aplicar um produto que reage com resquícios de papel carbono (hectográfico), transferindo o decalque para a pele.

Assim, escolhi, dentre os desenhos recorrentes da tatuagem tradicional, representações para cada um dos quatro elementos:

Remetendo ao ar, escolhi a andorinha, mensageira da primavera. Na China, a chegada das andorinhas marca o início desse equinócio, e é quando acontecem os ritos de acasalamento, representando também a fertilidade.

A âncora, considerada um símbolo de firmeza, solidez, tranquilidade e fidelidade, diz respeito ao elemento água. Simboliza a parte estável do nosso ser, que nos permite preservar a calma e lucidez diante do fluxo de sensações e sentimentos. Última salvaguarda da marinheira numa tempestade, a âncora representa também a esperança.



Quanto ao fogo, o candelabro é símbolo de iluminação espiritual, de semente de vida e de saúde. Tem a ver com seu simbolismo cósmico: o sol. Na tradição celta, candelabro de valor é uma expressão usual para designar com honra uma guerreira valorosa, metáfora que vida evidenciar seu brilho. Da mesma forma, uma grande guerreira é, por vezes, comparada a um candelabro real.

Representando a terra, temos a rosa, como símbolo do amor puro e do dom de amar. Segundo Chevalier e Gueerbrant, essa flor está para o ocidente como a lótus está para o oriente. Ela se aproxima à forma circular, como nas rosáceas góticas e a rosa dos ventos.

Depois de aplicar a marca, declaro que o ritual foi feito e que a mulher está livre para permanecer ali o quanto quiser, ou sair também na hora que preferir. Nesse momento, muitas das meninas que atendi compartilharam a forma como sentiram aquela experiência. Elas relataram sensação de aconchego, de calma, tranquilidade. Comentaram também que, de fato, sentiram uma conexão com o elemento então marcado em seus corpos²⁷.

Tive também o cuidado de respeitar o espaço pessoal de cada uma delas. Procurei não impor qualquer ação, principalmente no que diz respeito ao ir-e-vir e ao toque, a fim de incentivar a autonomia e o empoderamento legítimo do próprio corpo, contribuindo com a sensação de conforto e segurança.

²⁷ Um dos grandes momentos, para mim, foi quando atendi minha tia Luciane e apliquei nela a marca da âncora. Ela associou o elemento com o líquido amniótico, presente durante a gravidez, e me surpreendeu com a seguinte notícia: minha prima, Yara – senhora das águas – está esperando um bebê. (Felicidades, queridíssima!)

Videoarte

O sangue está associado ao que é nobre, bonito, generoso, elevado. É universalmente considerado o veículo da vida e o princípio da reprodução. Segundo uma tradição da Babilônia, o sangue divino, derramado à terra, dá vida aos seres. Corresponde ao calor, vital e corporal, em oposição à luz, cuja correspondência é, então, o espírito. Sob essa mesma perspectiva, o sangue é o principal veículo corpóreo das paixões. (Chevalier e Gueerbrant, 1982)

Como proposta de intervenção urbana em formato de projeção de imagens, produzi essa videoarte. O intuito é tratar da energia feminina de uma perspectiva de autodescoberta e autoconhecimento frente aos processos orgânicos essencialmente femininos. A menstruação acompanha a mulher durante boa parte de sua vida, cíclica e mensalmente. É sinal de saúde e de bom funcionamento do nosso corpo. Ainda assim, sofre com um extremo tabu que acompanha o discurso

de ódio contra as mulheres: a fim de nos diminuir e enfraquecer, são perpetuadas ideias de impureza, sujeira e vergonha associadas à menstruação. Muitas mulheres não mantêm uma boa relação com esse período, pois não tiveram a oportunidade de cultivar um contato saudável com o próprio corpo. Elas se sentem desconfortáveis e angustiadas frente a um momento que, na verdade, representa o renovar, o início de um novo ciclo. É um momento a ser celebrado.

Procurei, com essa obra, proporcionar um ponto de vista mais íntimo, contemplativo e explorativo acerca da menstruação. Ao mesmo tempo, faz parte do meu discurso pontuar a questão das violências que sofremos, uma vez que se mostram tão presentes na nossa história e vivência diária.

A execução do projeto se deu de uma maneira muito profunda e particular, uma vez que todos os vídeos foram coletados e editados por mim, e as imagens retratam o meu corpo e o meu sangue, sem o envolvimento de qualquer outra pessoa no processo de criação.



Durante a exposição Atelier 2, em 2014, além de exposta na galeria, junto à instalação, a videoarte SGRDO FEMNNO foi exibida também na cúpula do Museu Nacional da República, e está disponível online nos seguintes endereços: <http://youtu.be/JyHGLW9m_5c> e <<https://vimeo.com/110581353>>.





Retomada: Parte III

- Perseverare -

Nessa terceira parte do nosso percurso, encontraremos a anciã, simbolizando a sabedoria da matriarca. Não se trata de *saber tudo*, pelo contrário: o aspecto que gostaria de explorar diz respeito aos atos de refletir, reler, ressignificar, repensar, refazer, reinterpretar.

Dessa forma, proponho a recriação dos desenhos desenvolvidos em *Permanecente* – completando 1 ano desde a primeira oportunidade que tive de materializar em traço e cor uma pequena parte das profundezas daquelas cinco mulheres (Bailarina, Cajuína, Dual Anna, Fanfarrão Satúmio e Sílfiide).

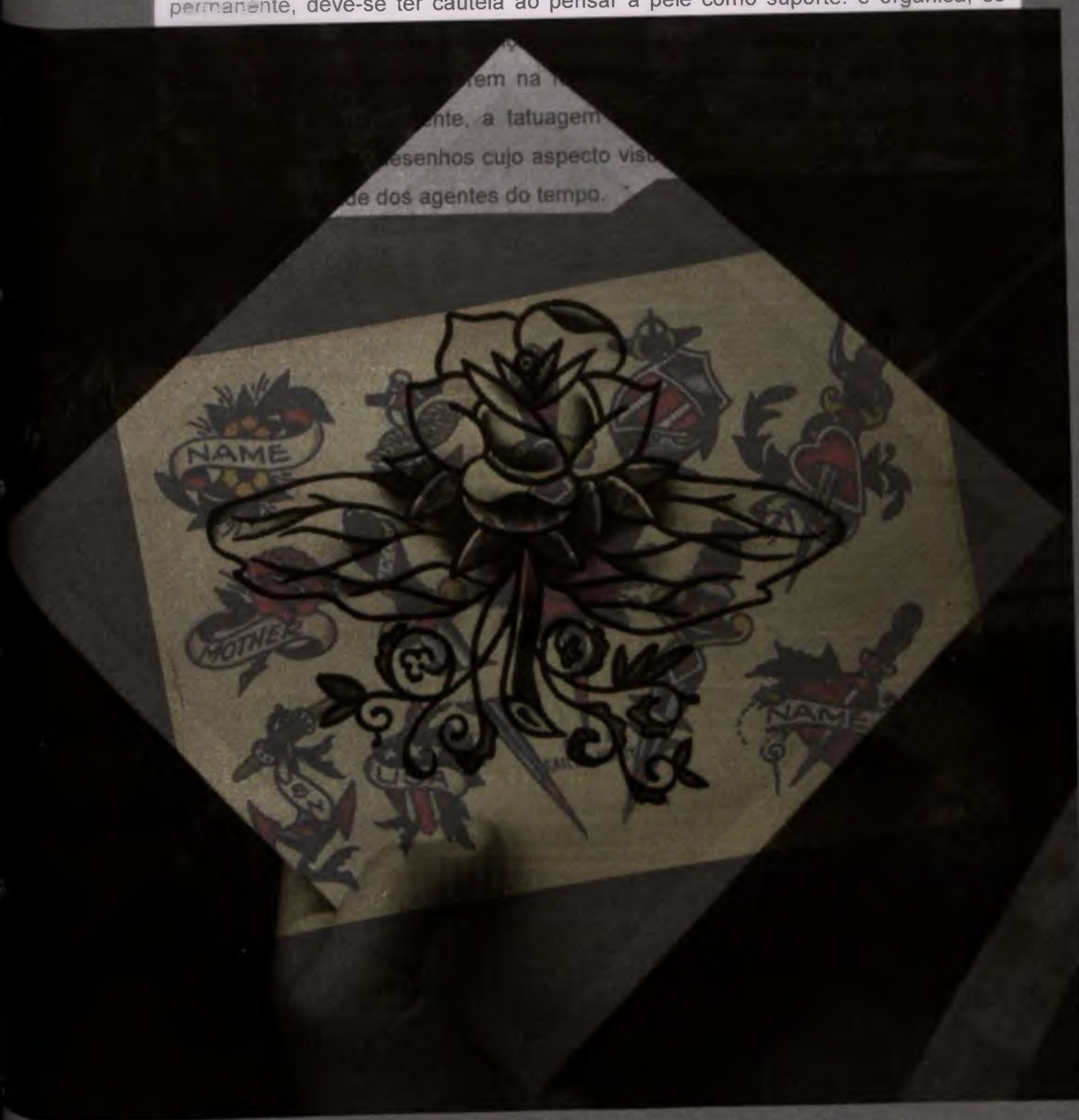
Essa proposta tem suas raízes na seguinte sequência de fatos: sou tatuadora, procuro estudar a linha tradicional ocidental da tatuagem, e redesenhar elementos tradicionais²⁸ é uma prática comum ao estudo e aplicação do ofício.

Minha primeira pesquisa teórica nesse aspecto se deu em 2013, quando estudei a figura da adaga na tatuagem elétrica, tomando como referência primária o trabalho de um conhecido tatuador do início do século XX, o estadunidense Sailor Jerry²⁹. Nesse momento, minha proposta foi ressignificar seus desenhos, interferindo neles de modo a adaptar à minha vivência.

²⁸ Desde o início da tatuagem elétrica até os dias de hoje, há alguns elementos comumente representados, como por exemplo: âncora, rosa, andorinha, águia, borboleta e adaga.

²⁹ Norman Collins.

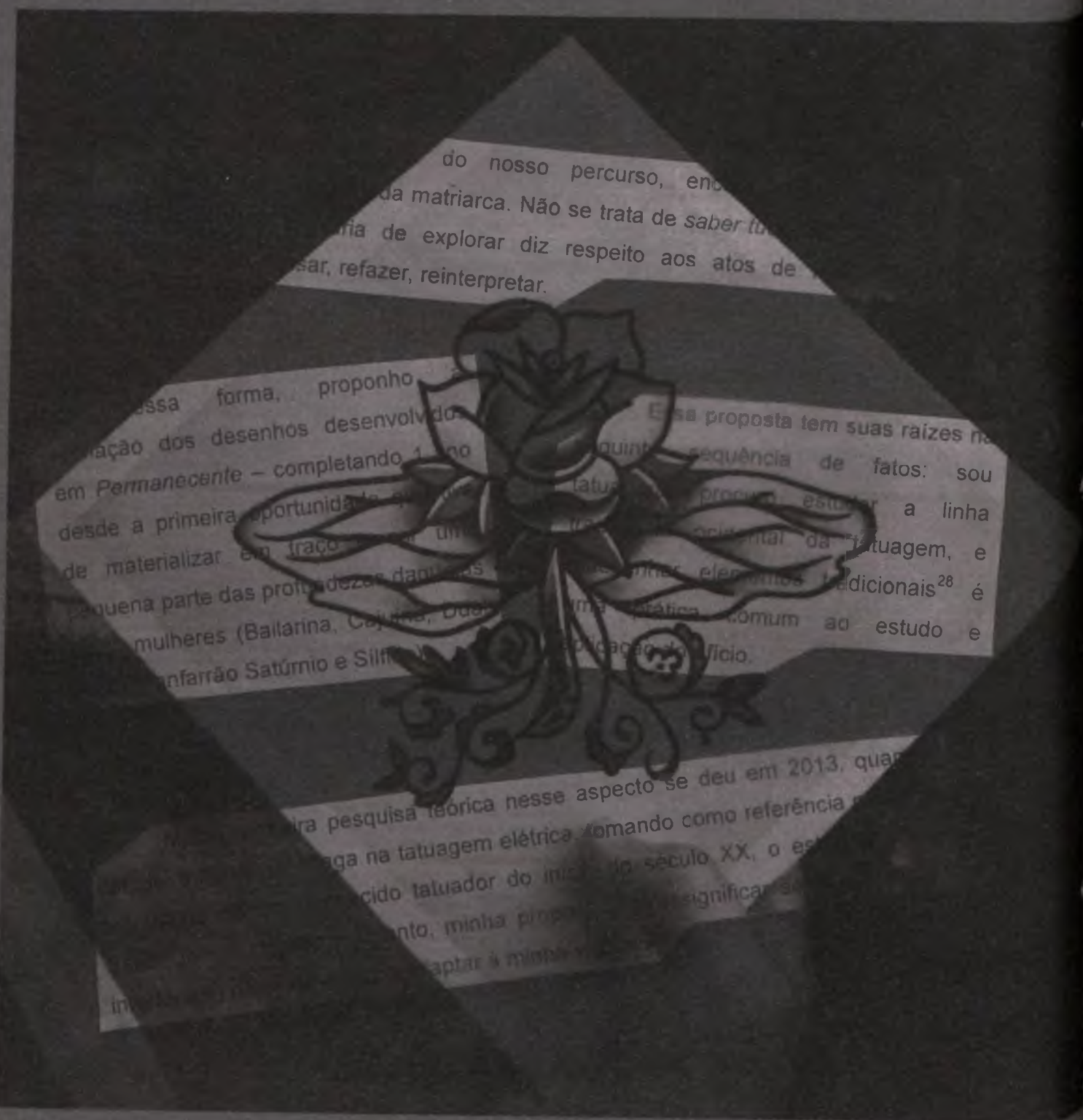
Trabalho em cima de uma linha de raciocínio que prima por traços bem definidos, com sombreado e cores sólidas em um desenho limpo. Essas características corroboram para que a tatuagem apresente durabilidade frente o passar dos anos. Justamente por ser um procedimento de modificação corporal permanente, deve-se ter cautela ao pensar a pele como suporte: é orgânica, se





Retomada: Parte III

- Perseverare -



Trabalho em cima de uma linha de raciocínio que prima por traços bem definidos, com sombreado e cores sólidas em um desenho limpo. Essas características corroboram para que a tatuagem apresente durabilidade frente o passar dos anos. Justamente por ser um procedimento de modificação corporal permanente, deve-se ter cautela ao pensar a pele como suporte: é orgânica, se renova, envelhece, sofre exposição ao sol e a outros desgastes que, de uma maneira ou de outra, interferem na forma como o pigmento ali armazenado se comportará. Invariavelmente, a tatuagem deteriora, junto com a nossa pele. A busca, então, é por desenhos cujo aspecto visual se mantenha (quase) o mesmo, apesar da atividade dos agentes do tempo.



²⁸ Desde o início da tatuagem elétrica até os dias de hoje, há alguns elementos comumente representados, como por exemplo: âncora, rosa, andorinha, águia, borboleta e adaga.

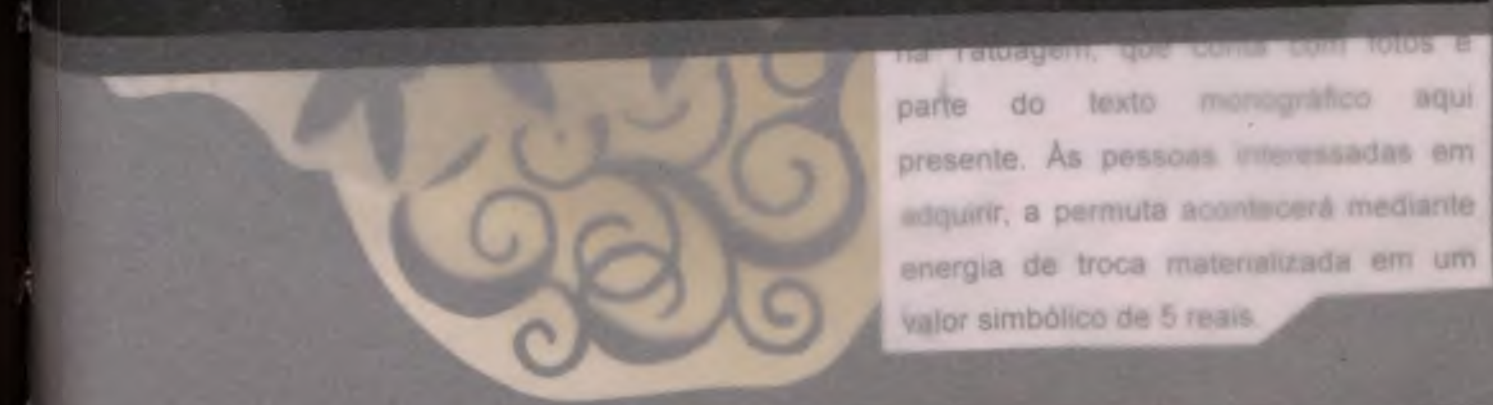
²⁹ Norman Collins.

No aprendizado da tattoo, não há nenhum manual contendo técnicas de como fazer. Assim, é comum que cada tatuadora desenvolva seu próprio modo



de trabalhar, experimentando e praticando da forma que, para ela, funciona melhor. Meu processo, tanto no papel quanto na pele, acontece em etapas: primeiro, traça-se as linhas. Depois, todas as sombras (preto). Por fim, as cores. A prática no papel se faz extremamente necessária ao aperfeiçoamento da técnica³⁰.

³⁰ Até porque, como em qualquer aprendizado, sujeita-se a erros: e errar no papel evita a possibilidade de errar na *pele de alguém* – o que é indiscutivelmente mais problemático.



na tatuagem, que conta com todos a parte do texto monográfico aqui presente. As pessoas interessadas em adquirir, a permuta acontecerá mediante energia de troca materializada em um valor simbólico de 5 reais.

No aprendizado da tattoo, não há nenhum manual contendo técnicas de como fazer. Assim, é comum que cada tatuadora desenvolva seu próprio modo



de trabalhar, [...] ao
trabalhando da [...] ele
na me [...] sua ele
[...] que [...] tanto no
[...] em
[...] as.
[...] cores. A prática no papel se faz
extremamente necessária
ao aperfeiçoamento da técnica³⁰.

Seguindo o fluxo [...] essa terceira obra [...] Além dos cinco [...] como livro [...] construída [...] manual [...] na [...] da [...] mulheres [...] na tatuagem, que conta com fotos e parte do texto monográfico aqui presente. Às pessoas interessadas em adquirir, a permuta acontecerá mediante energia de troca materializada em um valor simbólico de 5 reais.

³⁰ Até porque, como em qualquer aprendizado, sujeita-se a erros: e errar no papel evita a possibilidade de errar na pele de alguém – o que é indiscutivelmente mais problemático.



No aprendizado da tattoo, não há
nenhum manual contendo técnicas de
como fazer. Assim, é comum que cada
tatuadora desenvolva seu próprio modo



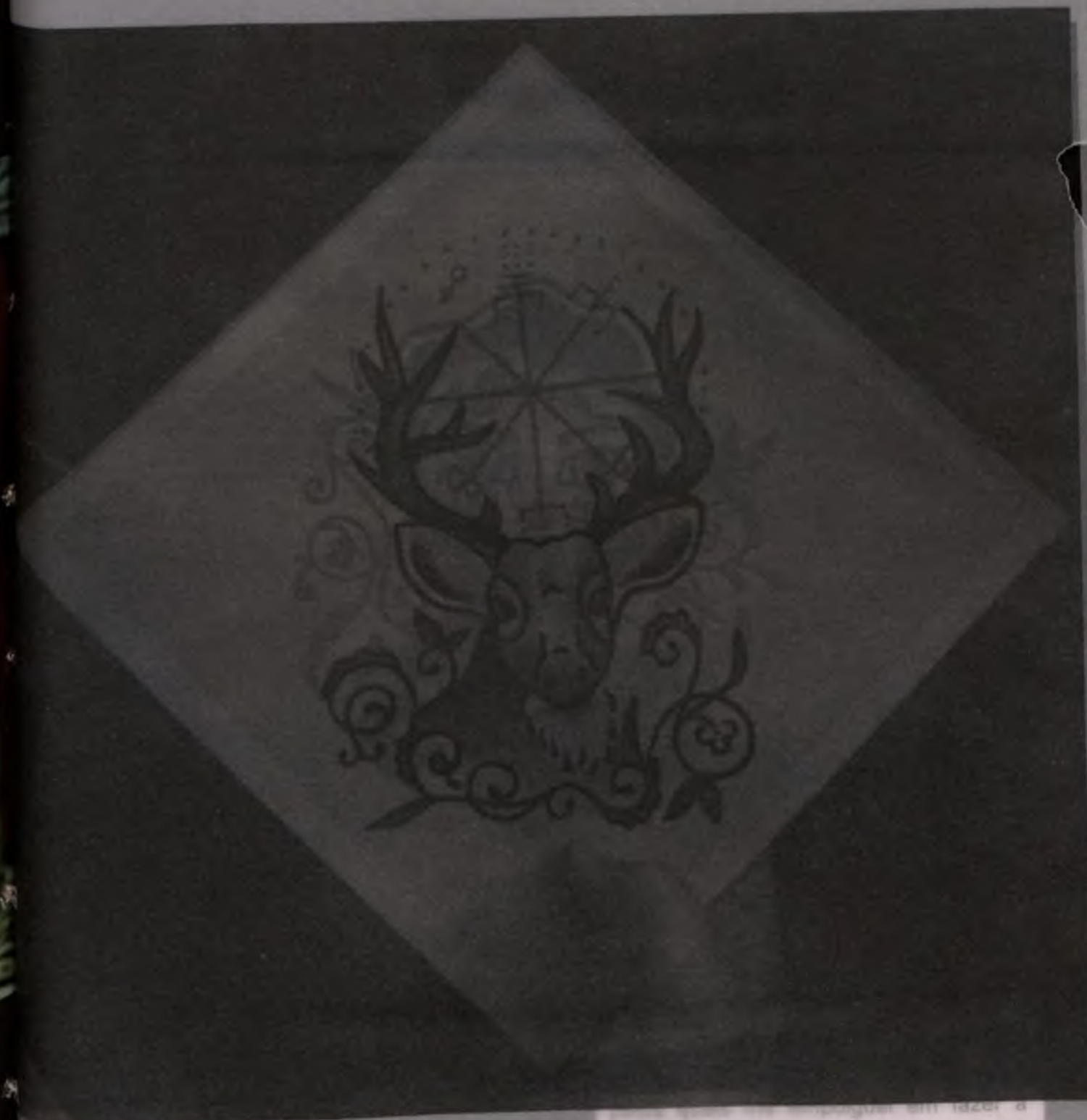
extremamente necessária ao
aperfeiçoamento da técnica³⁰

³⁰ Até porque, como em qualquer aprendizado, sujeita-se a erros: e errar no papel evita a
possibilidade de errar na pele de alguém – o que é indiscutivelmente mais problemático.



Seguindo o fluxo da Retomada,
essa terceira obra também é múltipla.
Além dos cinco desenhos, apresento
como livro-objeto esta monografia,
construída para além do texto: de forma
manual e com rico aspecto visual.
Haverá também uma performance, na
qual disponibilizarei exemplares da
primeira zine de minha autoria: Mulheres
na Tatuagem, que conta com fotos e
parte do texto monográfico aqui
presente. Às pessoas interessadas em
adquirir, a permuta acontecerá mediante
energia de troca materializada em um
valor simbólico de 5 reais.

A zine é uma relevante ferramenta para tornar mais acessível uma produção ou conhecimento em formato impresso, especialmente no que tange autopublicações. Permeia a cultura de *Faça Você Mesma* e apresenta baixos custos para produzir e comercializar. Assim, é também uma forma de resistência frente às estruturas capitalistas em vigor.



...que me inspirou em fazer a zine. Ao pesquisar sobre as tatuadoras, senti grande necessidade de compartilhar esses relatos e tornar acessível tal conhecimento.

A zine é uma relevante ferramenta para tornar mais acessível uma produção ou conhecimento em formato impresso, especialmente no que tange autopublicações. Permeia a cultura de *Faça Você Mesma* e apresenta baixos custos para produzir e comercializar. Assim, é também uma forma de resistência frente às estruturas capitalistas em vigor.



pelos quais me empenhei em fazer a zine. Ao pesquisar sobre as tatuadoras, senti grande necessidade de compartilhar esses relatos e tornar acessível tal conhecimento.

Handwritten text in a cursive script, likely a letter or document, visible at the top of the left page.



A zine é uma relevante ferramenta para tornar mais acessível uma produção ou conhecimento em formato impresso, especialmente no que tange autopublicações. Permeia a cultura de *Faça Você Mesma* e apresenta baixos custos para produzir e comercializar. Assim, é também uma forma de resistência frente às estruturas capitalistas em vigor.



Esses são alguns dos motivos pelos quais me empolguei em fazer a zine. Ao pesquisar sobre as tatuadoras, senti grande necessidade de compartilhar esses relatos e tornar acessível tal conhecimento.

Considerações Finais

Pesquisar a tatuagem abordando a questão da mulher, a partir de um viés artístico e político, é um projeto cuja semente venho germinando da metade para o final do curso. Essa ideia unia meu desejo de estudar a tatuagem concomitante ao meu trabalho como artista, além de promover produção de conhecimento relevante à minha militância.

Para somar à minha própria experiência como mulher na tatuagem, tive acesso a uma larga investigação acerca do tema, organizada no riquíssimo livro de Margot Mifflin. Assim, formei uma das bases contextuais à minha pesquisa e minha poética. O livro, que certamente é um dos raros que tratam desse recorte, não foi ainda publicado em português. Utilizando a linguagem da zine, pude ampliar o acesso a esse achado.

Além de Mifflin, estudei também algumas obras de ficção. Limitar-me a fatos documentados e publicações estritamente acadêmicas e/ou científicas não é meu objetivo. Brumas de Avalon me forneceu matéria para acrescentar ao viés espiritual-ritualístico da minha pesquisa.

Embora eu trate dessas questões desde a obra Permanecente, aquele momento se deu com pouco desenvolvimento teórico. Executei o trabalho de forma bastante intuitiva, fazendo associações que não estavam, ainda, conscientemente claras para mim. Conversando com um colega de curso que assistiu à performance, pedi que me contasse o que ele viu, sentiu e absorveu

da minha obra. Pude então, através desse ponto de vista externo, encontrar formas de como iniciar a expressão verbal da pesquisa.

Assim, a sabedoria da anciã se manifesta também na proposta de propagar ideias, prover a reflexão e o entendimento acerca de determinadas inquietações.

Em Perseverare, então, se expande o laço.

Referências Bibliográficas

Outro importante fator contribuinte para o desenvolvimento desse trabalho foi o meu crescente envolvimento com feminismo. Passei a problematizar o modo como as pessoas são socializadas em função do gênero, e como isso afeta diretamente as experiências de vida delas.

Senti-me muito inspirada pelas mulheres com quem me deparei nesse trajeto: seja estudando sobre elas, seja interagindo ou compartilhando com elas. O retorno que obtive a partir dessa interação é também um produto final muito significativo pra mim.

E segue a luta. Nós vamos retomar esses espaços que são nossos.

ANGELIN, Rosângela. **A "Caça às Bruxas": uma interpretação feminista.** Revista Espaço Acadêmico - Nº53 - Outubro/2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>> Acesso em: 30 out 2014, 14:47

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.). **Corpos Informáticos - Performance, corpo, política.** Brasília: Editora do Programa de Pós-graduação em Arte, UnB, 2011.

Ateliê no SEUmUSEU. In: Tumblr. Disponível em: <<http://atelienseumuseu.tumblr.com/>>. Acesso em: 16 dez 2013, 12:09.

BEZERRA, Paulo. **A tradução como criação.** São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000300007&lang=pt> Acesso em 31 mai 2013, 00:51.

BRADBURY, Ray. **O homem ilustrado** (The Illustrated Man). tr. Eurico da Costa. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1951.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon - A Senhora da Magia.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des Symboles.** Paris: Robert Laffont / Jupiter, 1982.

COLLINS, Sailor Jerry. **Sailor Jerry Tattoo Flash, Volume one**. San Francisco, CA: Hardy Marks Publications, 1996.

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=XQY_E-FuaJsC&oi=fnd&pg=PA9&dq=tatuagem&ots=ucxVom8DpW&sig=SrjS49BOu3LOlgEDrt5kGwXTMJY> Acesso em: 30 mai 2013, 21:52.

Fotografia do Corpo. In: Blogspot. Disponível em: <<http://fotografiadocorpo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 dez 2013, 12:14.

GP_ADMD. **O Corpo Ilustrado**. UFG. 2013. Disponível em: <<http://medialab.ufg.br/art/wp-content/uploads/2013/08/monica-ADMI.pdf>> Acesso em: 16 dez 2013, 13:24.

MIFFLIN, Margot. **Bodies of Subversion. A Secret History of Women and Tattoo**. New York City: Juno Books, 1997.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. São Paulo: Papirus Editora, 2005.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. Trecho disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Criatividade%20e%20Processos%20de%20Cria%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 30 mai 2013, 14:12.

PAVAN, Maria Ângela; SILVA, Josimey. **Tatuagem: Cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas**. UFRN. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/6178/1/2010Art_Tatuagem_MariaAP_JosimeyCS.pdf> Acesso em: 16 dez 2013, 13:25.

PILAR, Analice (Org.). **A educação do olhar**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ROMANELLI, Sergio. **Processo criativo e tradução**. UFSC, 2010. Disponível em: <<http://stat.ijkem.incubadora.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/1670/1939>> Acesso em: 30 mai 2013, 14:32.

Sailor Jerry. Disponível em: <<http://sailorjerry.com/>> Acesso em: 14 jul 2013, 20:54.

SALLES, Cecília. **Redes da criação – construção da obra de arte**. Vinhedo: Horizonte, 2006. Disponível em:

<http://hrenatoh.net/curso/textos/redes_criacao_final_grifado.pdf> Acesso em: 30 mai 2013, 19:56.

SILVEIRA, Renata Machado de. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Direito_SilveiraRM_1.pdf> Acesso em: 30 out 2014, 21:42.

Relação das fotos impressas em papel fotográfico ou vegetal:

Figura 01. Desenho Sobrevivente da Batalha Diária (2013, foto de acervo pessoal)

Figura 02. Nora Hildebrandt (Bodies of Subversion)

Figura 03. Maud Stevens Wagner. (fonte: desconhecida)

Figura 04. Jacci Gresham. (Bodies of Subversion)

Figura 05. Laura Lee. (Bodies of Subversion)

Figura 07. Laura Lee. (Bodies of Subversion)

Figura 07. Rusty Skuse, que esteve no Guinness Livro dos Recordes de 1970 a 1990, como a mulher britânica mais tatuada. (fonte desconhecida)

Figura 08. Mildred Hull. (fonte: desconhecida)

Figura 09. Kandi Everett. Atrás, pessoas tatuadas por ela. (Bodies of Subversion)

Figura 10. Vyvyn Lazonga. As mãos foram tatuadas pela Juli Moon – eleita em 1982 a Melhor Artista nos Estados Unidos, na convenção da Associação Nacional de Tatuagem. (Bodies of Subversion)

Figuras 11 e 12. Comparativo entre os trajes no concurso de mulheres tatuadas e no concurso de homens tatuados. (Bodies of Subversion)

Figura 13. Tawnja, com uma tatuagem de Darren Rosa. (Bodies of Subversion)

Figura 14. Krystine Kolorful (Bodies of Subversion)

Figura 15. Betty Broadbent, circeíse, competindo no primeiro concurso de beleza televisionado, ocorrido na Feira Mundial de 1939 [1939 *World's Fair*], em Nova York. (fonte: desconhecida)

Figura 16. Marcia Rasner (Bodies of Subversion)

Figura 17. SuzAnne Fauser. (Bodies of Subversion)

Figura 18. Pat Sinatra. (Bodies of Subversion)

Figura 19. Irene Libarry, circense, com 83 anos de idade. (1893-1978) (fonte: Imogen Cunningham)

Figura 20. Foto de fonte desconhecida.

Figura 21. Registro da performance Permanecente (10 dez 2013, foto de acervo pessoal).

Figura 22. Sílfiide (21x30cm, 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 23. Registro da performance Permanecente. (10 dez 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 24. Registro da performance Permanecente. (10 dez 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 25. Cajuína (21x30cm, 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 26. Bailarina (21x30cm, 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 27. Registro da performance Permanecente. (10 dez 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 28. Registro da performance Permanecente. (10 dez 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 29. Dual Anna (21x30cm, 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 30. Fanfarrão Satúrnio (21x30cm, 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 31. Tatuagem da Sílfiide, finalizada. (2014, foto de acervo pessoal)

Figura 32. Tatuagem da Sílfiide, finalizada, ao lado do desenho original emoldurado. (2014, foto de acervo pessoal)

Figura 33. SGRDO FEMNNO (instalação, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 34. SGRDO FEMNNO (instalação, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 35. SGRDO FEMNNO (instalação, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 36. SGRDO FEMNNO (instalação e videoarte, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 37. SGRDO FEMNNO (instalação e registro de performance, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 38. SGRDO FEMNNO (instalação e registro de performance, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 39. SGRDO FEMNNO (instalação e registro de performance, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 40. SGRDO FEMNNO (videoarte, exibido na cúpula do Museu Nacional da República, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 41. SGRDO FEMNNO (videoarte, exibido na cúpula do Museu Nacional da República, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 42. SGRDO FEMNNO (videoarte, 2014)

Figura 43. SGRDO FEMNNO (videoarte, 2014)

Figura 44. SGRDO FEMNNO (videoarte, 2014)

Figura 45. Sílfide II (18x18cm, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 46. Desenhos de Sailor Jerry (década de 60, EUA, fonte: Sailor Jerry Tattoo Flash Volume 1)

Figura 47. Ressignificação (42x30cm, 2013, foto de acervo pessoal)

Figura 48. Cajuína II (18x18cm, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 49. Bailarina II (18x18cm, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 50. Adaga, tatuagem por Jupiter Coroadada (2014, foto de acervo pessoal)

Figura 51. Dual Anna II (18x18cm, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 52. Fanfarrão Satúrnio II (18x18cm, 2014, foto de acervo pessoal)

Figura 53. Adaga, tatuagem por Jupiter Coroadada (2014, foto de acervo pessoal)

